

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Selma Cristina Silveira Rocha Leite

O MEIO AMBIENTE NA MÍDIA REGIONAL:
estudo de caso do *Jornal Valeparaibano em 2007*

Dissertação apresentada para a obtenção do
Título de Mestre pelo Curso de Mestrado em
Ciências Ambientais da Universidade de
Taubaté.

Área de Concentração: Ciências Ambientais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dolores Alves
Cocco

TAUBATÉ – SP

2009

SELMA CRISTINA SILVEIRA ROCHA LEITE

**O MEIO AMBIENTE NA MÍDIA REGIONAL:
ESTUDO DE CASO DO JORNAL VALEPARAIBANO EM 2007**

Dissertação apresentada para a obtenção do
Título de Mestre pelo Curso de Mestrado em
Ciências Ambientais da Universidade de
Taubaté.

Área de Concentração: Ciências Ambientais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Dolores Alves
Cocco

Data: 27/03/2009 – Local: **Departamento de Ciências Agrárias – UNITAU – Taubaté**

Resultado: **Aprovado**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Dolores Alves Cocco	Universidade de Taubaté (UNITAU)
Prof. Dr. Junior Alexandre Moreira Pinto	Universidade de Taubaté (UNITAU)
Prof. Dr. Valdir Zonta Zanetti	Universidade São Marcos

Profa. Dra. Maria Dolores Alves Cocco
Orientadora

**Ficha catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**

L533o Leite, Selma Cristina Silveira Rocha
O meio ambiente na mídia regional: estudo de caso do Jornal
Valeparaibano em 2007 / Selma Cristina Silveira Rocha Leite. - 2009.
88 f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Programa de Pós-
graduação em Ciências Ambientais, 2009.
Orientação: Profa. Dra. Maria Dolores Alves Cocco, Departamento de
Arquitetura e Urbanismo.

1. Ciências ambientais. 2. Consciência ambiental. 3. Jornal regional.
4. Meio ambiente. 5. Mídia regional. 6. Vale do Paraíba Paulista.
I. Título.

***À minha família, que é a raiz que me estrutura.
Ao meu pai, que, em alguma longínqua estrela,
deve estar orgulhoso com esta minha conquista.
À natureza, que me inspirou adentrar nos
caminhos verdes das ciências ambientais e
reciclou minhas energias para enfrentar mais
este desafio.***

AGRADECIMENTOS

À Deus, o genial arquiteto de um planeta perfeito, suprema fonte de amor e luz.

Aos meus familiares, pelo apoio incondicional em todas as horas; em especial, ao meu filho Rafael, pelo incentivo e compreensão.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Dolores Alves Cocco, pela dedicação e confiança em mim depositada.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais, pelos conhecimentos adquiridos e pelo estímulo a novos desafios; aos colegas pela gratificante troca de experiências; aos funcionários, em especial à Jeni, pela atenção dispensada.

À Universidade de Taubaté, por meio da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação pela concessão de bolsa de estudo, parte da despesa deste curso de Mestrado.

Aos amigos da Assessoria de Comunicação da Unitau, pelo grande apoio durante a elaboração deste trabalho, em especial ao Luzimar Goulart Gouvêa, pelos ensinamentos e auxílio, à Letícia Maria, pelo estímulo e paciência, e à Edwiges Moraes, pelo carinho e atenção. A todos, minha eterna amizade e gratidão.

A todos aqueles que colaboraram na realização deste trabalho, dentre eles: Francisco de Assis, Francisco Sircilli Neto, Nelson Moura, Getúlio Marqu Fábio França, Denise Costa, Ivan Martinez, Jorge Santana, Juliana Gallani e Organização Não Governamental Vale Verde.

"Seja a mudança que você quer ver no mundo".

Dalai Lama

RESUMO

O MEIO AMBIENTE NA MÍDIA REGIONAL: ESTUDO DE CASO DO JORNAL VALEPARAIBANO EM 2007

Esta pesquisa analisou o conteúdo informativo sobre meio ambiente publicado em 2007, no *Jornal Valeparaibano*, com sede em São José dos Campos, no Vale do Paraíba, Estado de São Paulo. Os principais objetivos que nortearam este estudo foram investigar o tratamento dispensado pelo jornal aos problemas ambientais, aos temas priorizados em suas reportagens e provocar uma discussão sobre as possibilidades de sua contribuição para a educação ambiental da população em sua área de abrangência. O estudo quantitativo e qualitativo avaliou os textos do conteúdo editorial, referentes ao Meio Ambiente, na versão eletrônica do jornal na internet, especificamente em seu caderno regional, perfazendo um total de 312 edições; desse total, resultaram 359 textos da categoria Jornalismo Informativo, das quais foi selecionado o gênero reportagem, que culminou em 113 textos, objetos deste estudo. O material selecionado para a análise de conteúdo foi o gênero reportagem, em razão de apresentar as informações de forma ampliada, contextualizada e detalhada. Os resultados da pesquisa mostram que as reportagens são, em sua maioria, pautadas por acontecimentos não previstos, ou seja, factuais, informando a sociedade sobre os principais problemas ambientais da atualidade, porém de forma fragmentada e pouco contextualizada. Uma das conclusões desse estudo é a de que as reportagens elaboradas com base em estudos científicos são as que possuem maior potencial de contribuir para a construção da consciência ambiental. Esta conclusão remete à reflexão em duas pontas distintas da produção jornalística: a importância da criação de uma seção fixa de meio ambiente no jornal para abordar as questões regionais e, ao mesmo tempo, a necessidade de haver uma maior divulgação de estudos científicos, por parte dos pesquisadores dessa área na imprensa regional.

palavras-chave: meio ambiente; mídia regional; jornal regional; consciência ambiental; Vale do Paraíba Paulista; Ciências Ambientais.

ABSTRACT

THE ENVIRONMENT IN THE REGIONAL MEDIA: CASE STUDY OF THE VALEPARAIBANO NEWSPAPER IN 2007

In this research was analyzed the information contents about environment published in 2007 in the *Valeparaibano* newspaper, based in São José dos Campos, a city located at the Paraíba Valley, State of São Paulo, Brasil. The main objectives that guided this study were to investigate the treatment given to the environmental problems by that newspaper, the prioritized themes covered in the articles and, therefore, to lead to a discussion about the possibilities of its contribution to the environmental education of the people that lives in its area of coverage. The quantitative and qualitative studies evaluated the matters presented in the website of the newspaper, specifically in the regional section, in a total of 312 editions; from this, it was resulted 359 texts classified as Informative Journalism category, of which was selected 113 texts as report genre, objects of this study. The material selected to the analysis was the report genre because it should present the information in an extended, contextualized and detailed configuration. The results of the research show that the reports are, in its majority, guided by events not forecasted (factual events), informing the society about the main environmental problems of today but in a fragmented and poorly contextualized form. One of the conclusions of this study is that the reports prepared on the basis of scientific studies are those that have greatest potential to contribute to the construction of an environmental conscience. This conclusion leads to a reflection in two different points of the journalistic productions: the importance of creating a fixed section related to regional environmental questions in this newspaper and, at the same time, the need for greater dissemination of scientific studies by the researchers of this area in the regional press.

Keywords: environment; regional media; regional news; environmental conscience; Vale do Paraíba Paulista; environmental science.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS.....	9
1 - INTRODUÇÃO	11
1.1 – OBJETIVOS.....	16
1.1.1 – Objetivo geral	16
1.1.2 – Objetivos específicos.....	16
2 – REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 – O papel da mídia na democratização de informações	17
2.1.1 – O poder de transformar fatos em notícias.....	19
2.1.2 – A ética jornalística na pauta ambiental.....	23
2.2 – A agenda ambiental na mídia.....	25
2.3 – A imprensa regional e o Meio Ambiente.....	27
2.3.1 – A proximidade entre os fatos, a imprensa, a notícia e a sociedade.....	27
2.3.2 – A trajetória do <i>Jornal Valeparaibano</i>	29
2.3.3 – A regionalização da pauta ambiental.....	33
2.3.4 – Meio Ambiente: grande potencial de problemas e de pautas.....	35
3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	47
4.1 – Análise quantitativa.....	47
4.2 – Análise qualitativa.....	51
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS DE LITERATURA	84

LISTA DE FIGURAS, TABELAS e GRÁFICOS

FIGURA 1 - Mapa da área de cobertura jornalística do <i>Jornal Valeparaibano</i>	38
FIGURA 2 – Capa do <i>Jornal Valeparaibano</i> na Internet.....	41
GRÁFICO 1 – Demonstrativo percentual dos temas ambientais abordados nas reportagens em 2007	50
TABELA 1 - Conteúdo de jornalismo informativo sobre meio ambiente publicado no “Caderno Regional”, de janeiro a dezembro de 2007	47
TABELA 2 - Conteúdo de jornalismo informativo no ano de 2007, destacando o gênero reportagem, definido nesta pesquisa como categoria para análise	48
TABELA 3 - Temas ambientais abordados nas reportagens, de janeiro a dezembro de 2007	49
TABELA 4 – Reportagens que abordam o tema Diversidade Biológica BIOLÓGICA, no primeiro semestre de 2007, e seus títulos	52
TABELA 5 – Reportagens que abordam o tema Diversidade Biológica, no segundo semestre de 2007, e seus títulos.....	53
TABELA 6 – Reportagens que abordam o tema Água, no primeiro semestre de 2007, e seus títulos	58
TABELA 7 – Reportagens que abordam o tema Água, no segundo semestre de 2007, e seus títulos	59

TABELA 8 - Reportagens que abordam o tema Resíduos Sólidos, no primeiro semestre de 2007, e seus títulos	63
TABELA 9 - Reportagens que abordam o tema Resíduos Sólidos, no segundo semestre de 2007, e seus títulos	64
TABELA 10 – Reportagens que abordam o tema Atmosfera, no primeiro semestre de 2007, e seus títulos	67
TABELA 11 – Reportagens que abordam o tema Atmosfera, no segundo semestre de 2007, e seus títulos	68
TABELA 12 – Reportagens que abordam o tema Florestas e Ecossistemas de montanhas, entre janeiro e dezembro de 2007, e seus títulos	71
TABELA 13 – Reportagens que abordam o tema ENERGIA, entre janeiro e dezembro de 2007, e seus títulos	74
TABELA 14 - – Reportagens que abordam o tema SOLO, entre janeiro e dezembro de 2007, e seus títulos	76
TABELA 15 - Reportagens que abordam o tema BIOTECNOLOGIA, entre janeiro e dezembro de 2007, e seus títulos	78

1- INTRODUÇÃO

A imprensa é um dos mais importantes meios de comunicação para se promover a conscientização ambiental, criar referências para discussões sobre desenvolvimento sustentável e denunciar degradações da natureza, formar opinião e contribuir para a construção da consciência ambiental (EPSTEIN, 2002). Isso porque os meios de comunicação de massa, como o jornal e a televisão, são considerados a principal fonte pública de informações sobre os acontecimentos para expressiva camada da população e, apesar das distorções que podem apresentar, oferecem uma importante contribuição para a discussão dos problemas ambientais pela sociedade. Assim, têm relevante importância na emissão de mensagens e discursos sociais que culminam na constituição da *agenda-setting*, que é a hipótese de que a mídia cria uma agenda pública a partir das notícias que veicula, determinando a pauta dos assuntos discutidos pela sociedade (WOLF, 1995; BARROS FILHO, 1994).

Na última década, os graves problemas ambientais, como o aquecimento global e as mudanças climáticas, projetaram o meio ambiente como pauta obrigatória diária dos principais jornais de todo o mundo, levando a mídia nacional a reservar cada vez mais espaço para as questões ecológicas.

As questões ambientais passaram a ser notícia nos jornais de todo o Brasil, inclusive nos regionais, contribuindo para a disseminação de informações atualizadas sobre meio ambiente à população. Apesar, no entanto, da população regional ter acesso às notícias sobre os principais problemas ambientais que ocorrem no País e no mundo por meio dos grandes veículos de comunicação nacional, é importante que as pessoas tenham acesso à informação sobre as questões ambientais de seus municípios, pois é no local onde ocorrem que os problemas ambientais são sentidos pela população, onde devem ser discutidos e solucionados e, principalmente, onde há a oportunidade de se disseminar informações que promovam conscientização ambiental e mudança de comportamento.

No Vale do Paraíba Paulista, região situada entre São Paulo e Rio de Janeiro, as duas capitais dos dois estados mais industrializados do Brasil, no seu principal veículo impresso de comunicação de massa e, até meados de 2008, único jornal

impresso diário de abrangência jornalística e circulação regional, o *Jornal Valeparaibano*, não há uma editoria ou seção específica para abordar esse tema, fato que pode ter como conseqüência a ausência de jornalistas especializados para abordar o assunto de forma adequada e contínua e, principalmente, não estimula a investigação jornalística sobre os principais problemas ambientais da região de abrangência desse veículo de comunicação.

A escolha do *Jornal Valeparaibano* como objeto deste estudo de caso considerou sua expressividade na pauta diária da maioria dos jornais de sua região de cobertura jornalística. Trata-se de um jornal que, além de abranger 39 municípios das regiões do Vale do Paraíba, do Litoral Norte e da Serra da Mantiqueira, compreendendo um público potencial de mais de dois milhões de leitores, é amplamente utilizado como agência de notícias pelos veículos de comunicação da maioria dos municípios de sua abrangência, que, diariamente, repercutem suas notícias e reportagens. Criado há 57 anos, o *Jornal Valeparaibano* é um veículo de comunicação impresso, de formato *standard* e de circulação diária, com tiragem diária de 20 mil exemplares e 32 mil aos domingos (PEREIRA, 2004; SILVA, 2008; PIMENTEL, 2000).

A região de cobertura do *Jornal Valeparaibano* é um importante pólo econômico, pois abriga grandes empresas dos setores aeronáutico, automotivo, químico e de eletroeletrônicos (como Embraer, General Motors, Volkswagen, Ford e LG), e um importante pólo turístico brasileiro, que abrange os municípios do Litoral Norte Paulista e da Serra da Mantiqueira, além de abarcar um dos principais celeiros científicos do País, onde estão concentrados renomados institutos de pesquisa [como o Centro Técnico Aeroespacial (CTA), o Instituto de Tecnologia Aeronáutica (ITA) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)] e conceituadas universidades na produção de pesquisas (como a Universidade de São Paulo (USP – *campus* Lorena), a Universidade do Estado de São Paulo (Unesp – *campi* Guaratinguetá e São José dos Campos), a Universidade Federal do Estado de São Paulo (Unifesp – *campus* São José dos Campos) e a Universidade de Taubaté (Unitau).

Além de sua importância nas esferas econômica e científica, a região de abrangência do *Jornal Valeparaibano* também se destaca no cenário ambiental, pois compreende ampla diversidade biológica, a começar pela Mata Atlântica. “O Vale do

Paraíba é uma das poucas regiões do país que possui áreas remanescentes da Mata Atlântica”. (ARGUELLO e SAUSEN, 2007, p. 11). Além disso, em razão de suas características geográficas, hidrológicas, climáticas e ecológicas, o Vale do Paraíba Paulista é considerado uma importante área de preservação biológica (MARTINS e GOMES, 2007).

A região, portanto, apresenta um grande potencial de exploração de pautas ambientais para a imprensa regional, principalmente porque vem se agravando a degradação ambiental em várias esferas: da contaminação dos rios e do solo ao desmatamento e à extinção de espécies da flora e da fauna. Dentre os principais problemas está a degradação da Bacia do Rio Paraíba do Sul, responsável pelo abastecimento de boa parte da população do Vale do Paraíba. Os fatores que contribuem para a degradação da Bacia são praticamente os mesmos que, juntos ou isoladamente, formam o efeito cascata da mina de problemas enfrentados pela maioria dos municípios da região, como a disposição inadequada do lixo; o desmatamento causador da erosão, que, por sua vez, acarreta o assoreamento dos rios e agrava a consequência das enchentes; a retirada dos recursos minerais para construção civil, sem a devida recuperação ambiental; o uso indevido e não controlado de agrotóxicos, que acaba escoando para os rios; a extração abusiva de areia e argila; a ocupação desordenada do solo e a pesca predatória (CANEPPELE, 2007).

Uma das hipóteses deste estudo é a de que a falta de uma editoria específica e de editores e repórteres especializados no *Jornal Valeparaibano* acaba por minimizar a importância da inclusão da pauta ambiental, principalmente em textos que possam trazer as informações sobre as questões ambientais de forma detalhada e contextualizada, que possibilitem à sociedade refletir e discutir os problemas do local onde moram e que instiguem discussões junto aos formadores de opinião, que se configuram como multiplicadores de informações nas comunidades em que atuam.

A partir dessa premissa, vieram os questionamentos: como a imprensa regional aborda os problemas ambientais locais? Qual a importância do meio ambiente na pauta das redações? Quais são os temas priorizados nas reportagens? As abordagens contribuem para a promoção da educação ambiental? Essas indagações nortearam o estudo de caso do *Jornal Valeparaibano* para investigar como os

problemas ambientais são abordados nesse principal meio de comunicação de massa do Vale do Paraíba.

Portanto, a proposta deste estudo de caso parte de uma investigação das reportagens publicadas no ano de 2007 no *Jornal Valeparaibano*. A pesquisa documental foi realizada na versão eletrônica do *Jornal Valeparaibano* na Internet, no ano de 2007, por meio do emprego de palavras-chave em cada texto das edições diárias, especificamente no “Caderno Regional”, referentes ao ano de 2007. O Caderno Regional é o espaço destinado ao conteúdo de informações sobre a região de abrangência do jornal.

O levantamento foi realizado em 312 edições, que resultaram em 359 textos de Jornalismo Informativo. Para restringir a subjetividade da análise, o material selecionado foi classificado em categorias e subcategorias. Na classificação em categoria, foi selecionado o gênero reportagem (MELO, 1994), que culminou em 113 textos para análise quantitativa e qualitativa, observando-se as técnicas de análise de conteúdo (BARDIN,1977; MELO,1972; LAGE,2001). Para a classificação em subcategorias, foram definidos oito temas: Água, Diversidade Biológica, Energia, Atmosfera, Resíduos Sólidos, Biotecnologia, Florestas e seus ecossistemas e Solo, considerando os principais problemas ambientais estabelecidos na Agenda 21 (principal documento produzido na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro, que ficou popularmente conhecida como ECO-92). O seu objetivo principal era buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra.

Os resultados das análises dos dados mostram que foi publicado um total de 359 textos sobre meio ambiente no ano de 2007 no *Jornal Valeparaibano*, o que significa, nesse período, em média, a publicação de um texto por dia, considerando que o jornal não circula nas segundas-feiras. Esse volume mostra que o Meio Ambiente é priorizado na seleção dos fatos que serão pauta no dia a dia do jornal, demonstrando que há o compromisso do jornal em informar seus leitores sobre os problemas ambientais da região. Na análise do gênero reportagem, os dados revelam que foram priorizados temas relevantes do cenário de problemas ambientais da região, como Diversidade Biológica, Água e Resíduos Sólidos.

Na análise qualitativa, os dados mostram que 72% das reportagens foram pautadas por acontecimentos imprevistos, conhecidos no jargão jornalístico como factuais, e pelos desdobramentos de acontecimentos, principalmente em relação às discussões de cunho político e econômico acerca do impacto ambiental de grandes obras na região.

Os resultados da pesquisa apontam que as reportagens cumprem o objetivo de informar o leitor sobre os principais problemas ambientais da região, demonstrando o compromisso do jornal em democratizar a informação sobre Meio Ambiente para seus leitores. Porém, não apresentam subsídios importantes, como a contextualização dos fatos apresentados por meio da análise da cronologia, da comparação e da relação intrínseca que há entre os problemas e da associação desses com outras áreas, como saúde, política, educação, economia, cultura e desenvolvimento regional, que podem auxiliar a sociedade no entendimento amplo dos assuntos, bem como a sua participação direta e indireta nas causas e nas conseqüências dos problemas ambientais.

1.1 – OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar o tratamento dispensado pelo *Jornal Valeparaibano* às questões ambientais em sua pauta diária, por meio da análise quantitativa e qualitativa dos espaços editoriais do ano de 2007.

1.1.2 Objetivos específicos

- Levantar quais os temas priorizados pelo jornal em suas reportagens.
- Verificar se as abordagens dos textos referem-se aos problemas da região de abrangência do jornal.
- Analisar se as reportagens oferecem subsídios para provocar discussões na sociedade sobre os principais problemas ambientais regionais e para contribuir para a construção da consciência ambiental.

2 - REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – O papel da mídia na democratização de informações

A democratização do conhecimento é essencial para que a população tenha acesso às informações, aos problemas e suas soluções, às pesquisas e descobertas em todas as esferas: social, política, econômica e ambiental. Nesse contexto, a mídia surge como um importante instrumento de disseminação de informações para os públicos de massa e de formação de opinião. De acordo com Epstein (2002, p.119), a ciência global do meio ambiente ainda tateia seus primeiros passos em direção a um conhecimento integrado, necessário para entender um sistema de tal variedade. Trata-se de um setor interdisciplinar em que vários segmentos da ciência têm algo a dizer. “De qualquer forma, um meio ambiente pode ser considerado um sistema extremamente complexo (Teoria Geral dos Sistemas)”.

Muitas são as dificuldades que constituem obstáculos para a popularização da ciência na questão ambiental. É significativa a ignorância do público acerca de fatos elementares sobre ciência, de uma forma geral, até mesmo nos países mais desenvolvidos. Epstein (2002, p.82) relata que uma pesquisa realizada em 2002 pela *Nacional Science Foundation* mostrou que menos da metade dos americanos adultos compreende que a Terra gira anualmente em torno do Sol, que apenas 21% podem definir o DNA e que só 9% sabem o que é uma molécula. O autor enfatiza que, para a maior parte da população, a realidade da ciência é aquela apresentada pelos meios de comunicação de massa. “O público, em geral, conhece a ciência menos por meio da experiência direta ou educação prévia do que através do filtro da linguagem e da imagética do jornalista”.

Ao transmitir, de maneira simples, novas idéias, conceitos e técnicas aos quais o grande público dificilmente teria acesso, o jornalismo científico se transformou em instrumento fundamental para a existência de uma sociedade mais democrática. Calazans (2002, p.16) sugere que o jornalista deve estimular, orientar e conseguir apoio para colocar o público diante da grandeza da ciência, o que o levaria a participar das discussões não apenas “com os olhos e ouvidos, mas também com sua inteligência e talento criador”.

É importante disseminar informações sobre os problemas ambientais, como a degradação causada pelo homem, suas conseqüências reais e potenciais e as soluções encontradas, para um público mais vasto possível e em linguagem facilmente compreensível pelo cidadão comum. As descobertas importantes devem ser analisadas e discutidas em termos críticos nos meios disponíveis de comunicação. Em entrevista à revista *Ciência Hoje* (apud VIEIRA, 1992, p. 45), Roald Hoffmann – prêmio Nobel de Química de 1981 – observa que os cientistas têm uma boa razão para disseminar o conhecimento científico: “quando as pessoas adquirem algum conhecimento científico podem compreender melhor as decisões, o que é fundamental numa sociedade democrática. Caso contrário, poderão se tornar vítimas de demagogos e especialistas”. Ele ainda ressalta que: “...se quisermos que a tecnologia seja usada criativamente para o benefício da humanidade como um todo, precisaremos de um público esclarecido e apto a avaliá-la imparcialmente... algo que não temos atualmente”.

Ainda sobre a importância da divulgação científica, Vieira (1998, p.12) afirma que é uma forma de prestar contas à sociedade, mostrando como e onde as verbas públicas são usadas, pois, em geral, “essa prestação de contas se limita a relatórios financeiros ou de atividade que, comumente, acabam engavetados em órgãos financiadores”.

Além de democratizar o acesso a informações sobre ciência, tecnologia e meio ambiente, o jornalismo científico contribui para a formação da opinião pública, levando a possíveis mudanças de atitudes. Nesse contexto, Ramos (1995, p.13) enfatiza que a mídia emprega uma linguagem adequada que permite a compreensão das massas e que, nos tempos atuais, “a comunicação passou a fornecer subsídios para que a humanidade se coloque diante de si mesma numa perspectiva de avaliação de seu passado, da trajetória de seu desenvolvimento e da projeção de seu futuro”. O autor defende que o monitoramento global proporciona aos cientistas o acesso a dados fundamentais para a pesquisa ambiental em suas várias manifestações disciplinares, da mesma forma que os acontecimentos sócio-políticos, artísticos, esportivos e meteorológicos.

Pode-se observar que “jamais a humanidade assistiu a tão radical evolução como a que se processa nos últimos anos com o estabelecimento formal do sistema

dos meios de comunicação de massa” (BELTRÃO e QUIRINO, 1986, p. 119). Isso porque os meios imprimem velocidade, ubiqüidade e penetrabilidade à mensagem, tornando-a poderosa em escalas e níveis jamais alcançados.

2.1.1 – O poder de transformar fatos em notícias

O processo de seleção dos fatos que serão transformados em notícias e, por consequência, ganharão repercussão em toda a sociedade, é uma importante atribuição que cabe à imprensa e lhe confere, de certa forma, o poder de determinar o que é e o que não é importante para ser discutido pela população e sob que enfoque e grau de relevância esses fatos chegarão ao público. Nesse processo de produção das instituições jornalísticas, o meio ambiente é mais um assunto, entre milhares, que chegam às redações, diariamente, como sugestões de pautas, colocadas por agências, repórteres, informantes, órgãos governamentais ou da sociedade civil organizada. Cada uma delas, após um processo de seleção, que segue os critérios estabelecidos pelo jornal, precisa ser medida, dentro do valor exato que possua para a classe de leitores de cada veículo de comunicação, “pois é tarefa do jornalista saber o que deve ou não publicar”. (ERBOLATO, 1979, p.22).

Para Fernandes (2001), é possível afirmar que o domínio da informação está diretamente ligado ao poder de interferir e reorientar as relações humanas e da sociedade com a natureza, donde se pode inferir que a influência dos meios leva a humanidade a tomar conhecimento dos problemas ambientais e a procurar rediscutir os seus modelos de desenvolvimento e de atuação no meio ambiente.

É por meio dos jornais e da televisão que as questões ambientais têm chegado ao conhecimento, pela primeira vez, de segmentos da sociedade que nunca tinham tido acesso ao tema. Isso porque até então essas informações circulavam basicamente em espaços restritos, na comunidade científica, em seminários e palestras, em publicações especializadas como revistas e livros. (FERNANDES, 2001, p. 3).

Bueno (2007, p.15), no entanto, defende que o protagonismo do jornalismo ambiental, como em qualquer outra área do jornalismo, não está limitado ao pesquisador ou ao cientista, “mas inclui, obrigatoriamente, os que estão fora dos muros da Academia (muitas vezes excluídos em virtude de uma situação social

injusta), como o povo da floresta, o agricultor familiar, o cidadão da rua”. O autor acrescenta que:

O jornalismo ambiental, como o saber ambiental, não diz respeito apenas a questões complexas, que reclama tecnologias de última geração, mas incorpora soluções simples, de dimensão local. Ele tem a ver com o dia-a-dia das pessoas e, na verdade, só faz sentido quando as inclui no debate, quando possibilita e promove a sua participação no processo de tomada de decisões (BUENO, 2007, p.15).

Fernandes (2001, p.4) também destaca que a imprensa e a televisão são a principal fonte de informação para expressiva camada da população, pois o papel desses veículos revela-se decisivo no processo de formação de opinião sobre os problemas ambientais.

Nesse sentido, é importante enumerar os papéis desempenhados pela divulgação científica, segundo Moran (1993):

Educacional: ampliação do conhecimento e da compreensão do público leigo a respeito do processo científico e sua lógica, esclarecendo sobre a solução de problemas e estimulando a curiosidade científica; Cívico: desenvolvimento de uma opinião pública informada sobre os impactos do desenvolvimento científico e tecnológico na sociedade; Mobilização popular: ampliar a possibilidade de participação da sociedade na formulação de políticas públicas e na escolha de opções tecnológicas (ex: alternativas energéticas (MORAN, 1993, p. 78).

Sobre o poder da mensagem transmitida pela mídia, Marques de Melo (1971, p.12) analisa que os meios de comunicação social constituem, paradoxalmente, meios de elite e de massas, “uma vez que são instrumentos mecânicos e eletrônicos que difundem mensagens e acesso potencial a todos os indivíduos da sociedade”.

A investigação ambiental é por excelência interdisciplinar, uma vez que os modelos tradicionais de análise compartimentalizadas em áreas distintas do conhecimento se mostram insuficientes para abordagem dos problemas complexos que envolvem o ambiente (RAMOS, 1995).

Geraque compactua com essa afirmativa. Para ele, para que a imprensa cumpra uma de suas funções dentro do jornalismo ambiental, que é a de enxergar o

problema em todos os seus ângulos, não basta apenas uma ou duas ligações telefônicas. Ele ressalta que:

Faz parte do ofício, também, mergulhar no assunto. Entrar na espiral de relações que a natureza oferece. Na teia de significações. Na história humana. No povo ribeirinho. Nos grandes empresários. Para que essas aproximações tomem seu curso (...) é preciso que o lado de lá do jornalismo, ou seja, o lado do receptor das informações, forme uma massa cada vez mais crítica sobre o assunto (GERAQUE, 2004, p. 79/80).

A imprensa também representa um importante papel para a promoção da educação ambiental, principalmente porque pode divulgar ações que auxiliem nas campanhas, de toda origem, que reforcem a necessidade das mudanças de comportamento. A educação ambiental é uma área muito ampla e interdisciplinar, que incorpora os mais diversos conceitos, que Dias (2001) resume como em constante estado de renovação. Segundo o autor, a educação ambiental propõe renovação e induz à novas formas de conduta nos indivíduos e na sociedade, justamente por abranger as realidades locais e diversos aspectos, dentre eles os sociais, políticos, econômicos, culturais, éticos, ecológicos, científicos e tecnológicos. Dias ressalta que a educação ambiental “pode e deve ser agente otimizador de novos processos educativos que conduzam as pessoas por caminhos onde se vislumbre a possibilidade de mudanças e melhoria do seu ambiente total e da qualidade da sua experiência humana” (DIAS, 2001, p. 89).

Para Toledo e Pelicioni (2004), a educação ambiental demanda por um processo de formação da cidadania, por meio da reconstrução de comportamentos e de valores abrangentes nas esferas política, econômica, social, ética e cultural, que instiguem à práticas coletivas e individuais direcionadas à melhoria da qualidade de vida. Matheus (2005) acrescenta que para que ocorra essa reconstrução, é imprescindível que ocorram mudanças profundas de atitudes e de comportamentos, que só podem ser deflagradas com a educação ambiental.

Marshall (1999) defende que deve ser criado um novo discurso, voltado ao aprendizado da sociedade, que transcenda as salas de aula e as escolas. A imprensa, como agente de democratização de informações, tem grande potencial para auxiliar nesse processo de educação ambiental. Para Bueno (2002, p. 42), é de fundamental

importância que a pauta ambiental desempenhe uma função pedagógica, sistematizando conceitos, disseminando informações, conhecimentos e vivências, contribuindo, assim, para que a população participe das discussões. “A pauta ambiental deve esclarecer, dialogar, indicar caminhos, buscando aproximar-se daqueles que fazem as coisas acontecerem”.

A pauta é o planejamento de uma edição do jornal ou assunto a ser abordado; é a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário, geralmente com indicações sobre a abordagem de interesse, tamanho pretendido da matéria jornalística, recursos disponíveis para o trabalho do repórter, sugestões de fontes a serem entrevistadas (LAGE, 2001). Para Henn (1996), a pauta é um roteiro mínimo de orientação para os repórteres na apuração dos dados que vão compor a matéria jornalística. A pauta ambiental, no entanto, é fundamentalmente diversa e incorpora um sem número de possibilidades, acompanhando o próprio conceito amplo de meio ambiente que se deve praticar na área (BUENO, 2007).

Para Beltrão e Quirino (1996, p. 157), no entanto, ao jornalismo cabe informar e comentar o fato noticiado, não tendo a função de educar. Segundo os autores, as distorções sofridas pelo jornalismo no decurso de sua história (jornalismo estatal, jornalismo marrom etc.) seriam derivadas dessa intenção de restringi-lo a instrumento de educação, de propaganda ou de evasão, antes que de apresentador do quadro da atualidade, sem cujo conhecimento a comunidade permaneceria alienada, sem condições de opinar e participar da ação construtiva da paz, do progresso e da ordem social.

Sabemos, contudo, que as funções da comunicação são solidárias e não estanques. Daí, que, embora não formalmente, a função jornalística é também educativa, ao fornecer dados objetivos sobre o conteúdo de suas mensagens e ao orientar a opinião pública, mediante a interpretação dos acontecimentos transformados em notícia (BELTRÃO e QUIRINO, 1996, p. 157).

Já Figueiredo (2001) enfatiza que o discurso veiculado pela mídia, aliado à educação ambiental, deve levar o público a reflexões, contribuindo, dessa forma, para a aquisição de conhecimento e informações significativas para mudanças comportamentais.

Segundo Epstein (2002), mais do que um problema apenas ecológico, a Educação Ambiental envolve complexas questões sociais, econômicas e políticas. Na esfera individual, instiga uma mudança de comportamento, desde a coleta indiscriminada do lixo, a contribuição pessoal para não sujar ou poluir o ambiente urbano, a descoberta da fauna e da flora urbanas, a compreensão da limitação dos recursos hídricos, das consequências da poluição proveniente dos combustíveis fósseis – como o aquecimento global e a chuva ácida – e dos resíduos nucleares e industriais, da reciclagem de materiais, da biodiversidade. O autor defende que a Educação Ambiental é considerada um processo permanente pelo qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu Meio Ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação, baseados na consciência da situação politicoeconômica, e que os tornam aptos a agir.

2.1.2 – A ética jornalística na pauta ambiental

A contribuição da imprensa para a construção da conscientização ambiental é norteadada pelo compromisso social e pela ética. A ética jornalística é um importante fator na definição da abordagem da informação durante o processo de apuração, redação e edição do texto, pois é necessário reconhecer o valor que a informação jornalística assume para a sociedade na medida em que é publicada (MORAN, 1993, p.34).

Para Karam (2004, p.179), a noção de objetividade é essencial para preservar o jornalismo que busca imparcialidade, principalmente porque parte significativa da compreensão dos fatos está não apenas em seu relato, mas na seleção das fontes, dos porta-vozes, na escolha de parte das declarações sobre um acontecimento. “É assim que a retórica jornalística está indissolúvelmente ligada à semântica e à ideologia”.

Karam (p. 22) defende que a matéria jornalística pode ser uma referência imediata para a ação social, para decisões governamentais e para pressões sociais. Segundo o autor, as matérias jornalísticas imediatas trazem, como os livros, os relatórios, as pesquisas, algo que cabe ao jornalismo, potencialmente, realizar. “Revelar tais atitudes e disseminar tais informações, revelar o presente para que o

futuro consiga rememorá-lo e tomá-lo como referência de comportamento e análises é também papel do jornalismo”.

Na mesma linha, Bucci (2000, p.30) defende que ao jornalismo cabe perseguir a verdade dos fatos para bem informar o público, pois o jornalismo cumpre uma função social antes de ser um negócio. “A objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam a boa reportagem”. Assim, Bucci (p.31) alerta para a necessidade de haver compromisso por parte das empresas de comunicação: “se uma empresa de comunicação não se submete na prática às exigências de busca da verdade e do equilíbrio, o esforço de diálogo vira proselitismo vazio. E inútil.”.

Bucci (p.32) também ressalta que discutir ética na imprensa só faz sentido se significar pôr em questão os padrões de convivência entre as pessoas, individualmente, e de toda a sociedade no que se refere ao trato com a informação de interesse público e com a notícia: “a isso precisam se subordinar não apenas os jornalistas, mas também os seus padrões e as corporações em que funcionam os veículos de comunicação.”

Quanto às matérias pautadas por denúncias envolvendo impacto ao meio ambiente, muitas vezes os veículos de comunicação omitem informações ou as distorcem por questões mercadológicas, pois essas matérias e sua repercussão trariam conflitos entre a empresa de comunicação e seus anunciantes ou eventuais anunciantes. Quanto a essa questão, Bucci ressalta:

Na prática, a ética jornalística sobre conflito de interesses é a ética da empresa. É dentro dela que se conceituam os conflitos e os métodos para superá-los. Ou seja: no espaço privado (no âmbito interno de uma companhia particular), enfrentam-se problemas que, em tese, pertencem à esfera pública - pois a independência editorial corresponde ao direito à informação, que é de ordem pública (BUCCI, p.33).

Já Tautz (2004, p.150) sugere que, para se falar de meio ambiente com a imparcialidade que o tema requer, faz-se necessária a criação de redes populares de comunicação com discursos alternativos àqueles que até hoje predominaram, possibilitando um tipo de jornalismo que vá além da mera constatação do aprofundamento da agressão ambiental ao planeta e incorpore novos paradigmas civilizatórios na cobertura das crises ecológicas atuais: “um tipo de jornalismo que

surja desse momento de crise da água e do ar e deixe de tratar a informação como simples espetáculo”.

Para Tautz (p.151), é preciso recriar um jornalismo que discuta os rumos do desenvolvimento de um povo-nação, numa tentativa de recuperar valores éticos, humanos e sociais do jornalismo estritamente comercial dos conglomerados da informação, um tipo de jornalismo que perceba a informação como bem público.

2.2 – A agenda ambiental na mídia

Com a missão de proporcionar a divulgação de informações sobre meio ambiente à sociedade, bem como democratizar o acesso a estudos e pesquisas sobre questões ambientais, surgiu no final do século XX o jornalismo ambiental, precedido pelo início de uma corrente de formação de consciência ambiental em todo o mundo (GRUN, 2002).

Alguns fatos marcantes, de impacto em esfera global, no entanto, levaram a sociedade a iniciar questionamentos sobre a possibilidade de destruição da Terra, como as explosões das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, pautando na imprensa abordagens ambientais (SOUSA e OHDE, 2005). Mas o meio ambiente começa efetivamente a conquistar mais espaço nos jornais a partir da Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972.

Para Sousa e Fernandes (2002), as conferências da Biosfera, realizada em 1968, em Paris, e de Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972, são marcos importantes na agenda ambiental da mídia e exerceram influência sobre alguns poucos profissionais.

No início da década de 1970, uma pequena parcela da sociedade começava a questionar os valores da sociedade capitalista, como os hábitos de consumo, a poluição, a degradação da natureza, o pacifismo. Essa parcela, que passou a ser chamada de “ecologista”, foi ganhando adeptos, tanto da esquerda como da direita conservadora, no decorrer da década de 1970 (GRÜN, 2002).

A crise do petróleo, em 1973, girou o foco dos investimentos nessa área para a de energia nuclear, fato que deflagrou grandes contestações de ecologistas e

culminou em um movimento social organizado, o movimento ecológico. Esse movimento começou a ganhar força em meados dos anos 1980, com a descoberta do “buraco da camada de ozônio” e as primeiras especulações sobre o aquecimento global, e desencadeou a criação da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1973, culminando em novos conceitos, como “nova ordem mundial” e “desenvolvimento sustentado”, que apontam para a conciliação entre conservação da natureza e crescimento econômico (GRÜN, 2002).

No Brasil, as primeiras denúncias de degradação ambiental publicadas pela imprensa se deram em 1968, durante a ditadura, em reportagem do jornalista Randau Marques, preso na época por subversão. A prisão foi motivada por uma denúncia do jornalista sobre intoxicação de agrotóxicos, que mostrava que esses “defensivos agrícolas” eram causadores da mortalidade de peixes e da intoxicação de agricultores (SOUZA e OHDE, 2005, p. 37).

Para Belmonte (2004), houve exemplos de jornalismo ambiental na grande imprensa brasileira, desde a década de 1970, mas sempre isolados ou sem continuidade.

As notícias dos movimentos ecológicos e da responsabilidade das atividades do homem para o aumento do buraco na camada de ozônio e para o aquecimento global, nos anos 80, levaram a sociedade brasileira e virar seus olhos para a Amazônia. A imprensa brasileira passou a noticiar os problemas ambientais que já se somavam na região Amazônica (SOUZA e OHDE, 2005, *apud* Villar, 2004).

Mas só a partir do final da década de 1980, a imprensa começa a organizar eventos para discutir o seu papel na agenda ambiental, como o Seminário “A Imprensa e o Planeta” e o “Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente”, realizados, respectivamente, em agosto e em novembro de 1989.

O interesse da mídia pelas questões ambientais é tão recente quanto a organização do movimento ambientalista, particularmente no Brasil (SOUZA e FERNANDES, 2005).

Mas os problemas ambientais só vão ganhar um espaço fixo na imprensa vinte anos depois, no jornal de economia *Gazeta Mercantil*, o primeiro jornal nacional a criar uma editoria fixa diária para os assuntos relacionados ao meio ambiente, em 1988. A pauta ambiental, no entanto, só conquistou destaque nos

grandes jornais de circulação nacional a partir de 1992, com a realização da Conferência Rio-92, quando a atenção dos veículos de comunicação de todo o mundo se voltou para as discussões ambientais globais (SCHARF, 2004). Diante da relevância e abrangência do evento, em maio daquele mesmo ano, a imprensa brasileira promove o “Encontro Internacional de Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento”, que ficou conhecido como Green Press, com o objetivo de criar uma rede global de jornalistas de meio ambiente. O evento estimulou a criação, um ano depois, da Federação Internacional de Jornalistas de Meio Ambiente (SOUZA e OHDE, 2005).

A partir da ECO92 as questões ambientais passaram a pautar com frequência a imprensa brasileira, porém, as matérias são, em sua maioria, caracterizadas pela superficialidade e pelas referências vagas atribuídas ao tema na atualidade (RAMOS, 1995). Para o autor, o tratamento dispensado pelos meios de comunicação aos problemas ambientais restringe o entendimento da opinião pública, bem como a conscientização quanto aos direitos dos cidadãos e em relação às responsabilidades tanto do poder público quanto dos agentes da sociedade civil para as questões relacionadas ao Meio Ambiente.

Apesar da crescente presença da pauta ambiental na imprensa brasileira nos últimos anos, há o problema do tratamento dispensado ao conteúdo e à forma como as informações sobre meio ambiente chegam à sociedade. Para Berna (2008), a maior ou menor quantidade de informações não é determinante para que a população seja levada a pensar de forma crítica, se porventura não existir uma cultura e uma formação que possibilite à sociedade valorizar tais informações.

2.3 – A imprensa regional e o Meio Ambiente

2.3.1 – A proximidade entre os fatos, a imprensa, a notícia e a sociedade

O caminho para haver a valorização de informações é mais curto quando os fatos veiculadas pela mídia referem-se à realidade cotidiana da sociedade onde acontecem esses fatos, formando a relação de proximidade entre a comunidade local

e os problemas referentes à sua realidade. Essa relação ocorre comumente na imprensa regional. Para Fonseca (2004, p.148), “parece ser fundamental na imprensa um debate aberto acerca da questão da relevância de assuntos de interesse regional e nacional. É comum encontrarmos cidades com jornais locais, mas sem jornalismo local”.

Em sua dissertação de mestrado sobre periódicos paulistanos, Nassar (1996, p.8) denomina imprensa regional os veículos de comunicação editados dentro de uma região geográfica específica, que publiquem notícias preferencialmente sobre os assuntos do cotidiano daquela região e elaboradas especificamente para o público compreendido naquela região.

Para Costa (2002), o jornal do interior é um veículo de comunicação com circulação em determinado espaço geográfico, que tem o objetivo prioritário de promover a cobertura jornalística da comunidade.

Para Pimentel (2000), o jornalismo regional está relacionado, necessariamente, ao alcance espacial de determinado veículo de comunicação.

A imprensa regional tem não só a função de informar, mas, também, a de promover a educação da população sobre temas de interesse público, como as questões ambientais. Para Lacerda (1990, p.27), o jornalismo deve levar a comunidade a participar da vida social e deve construir, por meio das notícias, “uma opinião pública bem informada, atenta, vigilante e esclarecida”.

Para Assis (2008), o jornalismo regional extrapola a divulgação de notícias para um público segmentado, pois contempla a abordagem de aspectos característicos da região de abrangência de determinado veículo de comunicação, levando em consideração os perfis sociais, históricos, econômicos e culturais.

O jornalismo regional é aquele que noticia fatos pertinentes ao dia-a-dia da sociedade em que insere, oferecendo conteúdos originados de acontecimentos próximos à sua realidade, cujas abordagens vão desde política e economia até agendas culturais (ASSIS, 2008, p. 68).

Portanto, saber como as informações sobre os principais problemas ambientais do Vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira vêm sendo abordadas pela mídia regional foi o questionamento que norteou esse estudo de caso

sobre o *Jornal Valeparaibano*, para investigar que papel vem desempenhando na construção do conhecimento sobre meio ambiente na região onde atua. Esses questionamentos partilham da opinião de Fonseca:

A reportagem sempre presta melhor serviço quando faz circular na sociedade a discussão sobre a urgência das dificuldades, as possíveis soluções, os prognósticos, as alternativas, o debate sobre o que é relevante e o que é dispensável, o que é urgente e o que é secundário, as políticas públicas e, principalmente, as questões concretas de cada região (FONSECA, 2004, p. 148).

Bueno (2007) corrobora com essa premissa, quando enfatiza que a pauta ambiental deve focar a realidade concreta de seu público, em razão de ser mais eficaz a conscientização e a mobilização a partir de situações que digam respeito ao cotidiano e mesmo à trajetória sócio-cultural, econômica, instrucional da audiência e que se refiram à experiência de vida daqueles com os quais o jornalista ambiental interage.

2.3.2 – A trajetória do *Jornal Valeparaibano*

A regionalização da mídia, segundo Silva (2008), já era prevista, por muitos estudiosos da comunicação no Brasil, como sendo um fenômeno do início da década de 1990, período em que a sociedade começa a demandar pelo imediatismo das informações sobre sua região. Citando o jornalista Zevi Ghivelder, Silva (p.96) ressalta que, nessa época, “o quintal interessa muito mais do que o universo”. Isso porque o conceito divulgado pelos ecologistas da época era “pensar globalmente para agir localmente”.

A trajetória da mídia regional no Vale do Paraíba tem início bem antes das definições e dos conceitos dos estudiosos. Para Silva (2008, p.102), o Vale é uma das regiões mais ricas em experiências comunicativas da imprensa brasileira. E essa trajetória de experiências teve início em 1858, segundo Silva (2008), com o precursor dos jornais regionais, o *Mosaico*, que começou a circular em Guaratinguetá, em 1858. Era um semanário que circulava aos domingos.

E foram surgindo outros produtos jornalísticos em diversos municípios da região, principalmente Taubaté, onde o pioneiro foi o Taubatêense, em 1861. A cidade concentrou cerca de 400 periódicos, no período entre 1861 e 1981 (SILVA, 2008, p. 101). O *Jornal Valeparaibano*, objeto deste estudo de caso, está incluído nessa estatística, pois, apesar de ter nascido na cidade vizinha de Caçapava, por um curto período foi produzido e impresso em Taubaté.

É importante ressaltar que, para ser considerado como publicação jornalística, é necessário que o produto atenda critérios técnicos, definidos em diversas obras da área da Teoria do Jornalismo:

Entre vários autores, pode-se citar Alberto Dines (1986) e Cremilda Medina (1988), que destacam alguns pontos relevantes que diferenciam uma simples publicação de uma produção jornalística. Para eles, esses produtos precisam passar por algumas etapas: a) periodicidade; b) variedade (universalidade); c) atualidade, d) difusão (distribuição); e) fidelidade; f) editoração - impressa ou eletrônica (SILVA, 2008, p. 100).

O *Jornal Valeparaibano*, objeto deste estudo de caso, está inserido como importante veículo de comunicação na história da imprensa da região, pois, além de atender a essas etapas há 57 anos, é considerado, por sua abrangência de cobertura jornalística, o maior jornal impresso da região. Sua região de cobertura compreende 39 municípios do Vale do Paraíba Paulista, Serra da Mantiqueira e Litoral Norte, abrangendo uma população estimada em 2 milhões de pessoas (PEREIRA, 2003).

De acordo com Assis (2008, p.72), o *Jornal Valeparaibano* está inserido na categoria de “midirregião”, definição proposta pelo pesquisador da área de comunicação Marques de Melo, que se refere ao agrupamento formado por municípios ou trechos contíguos, que compreendem a área de atuação de um determinado jornal.

O *Jornal Valeparaibano* foi criado por um policial e professor aposentado Francisco Pereira da Silva, conhecido como Chico Triste, em janeiro de 1952, no município de Caçapava, no Vale do Paraíba Paulista, onde foi produzido por dois anos consecutivos. Chico Triste produzia o jornal por meio de uma sociedade com um gráfico da região, Rubens Lencione. Em 1954, o jornal já contava com 400 assinantes, porém, a sociedade foi desfeita e o jornal passou a ser produzido por

Chico Triste, em Taubaté, cidade mais desenvolvida do Vale do Paraíba Paulista na época. Em Taubaté já havia grandes jornais concorrentes consolidados, como *A Voz do Vale do Paraíba* e *A Tribuna* (PEREIRA, 2003).

Segundo Pimentel (2000), em razão de dificuldades financeiras, em 1955, Chico Triste vende o jornal para Edward Simões, um jovem de família abastada de São José Campos, município onde passa a ser produzido o jornal e onde tem sua sede hoje. São José dos Campos, na década de 1950, começa a despontar com grande potencial de crescimento, devido à instalação do Centro Técnico Aeroespacial (CTA), do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e da rodovia Presidente Dutra, ligando as capitais São Paulo e Rio de Janeiro.

Edward Simões assume a direção do jornal por 10 anos e, em 1965, o veículo é adquirido pela Rádio Clube de São José dos Campos, do grupo da Rede Bandeirantes, que o administra até 1975, quando novamente é vendido para as famílias Salerno e Lovato, que eram proprietárias de empresa de ônibus. Mesmo em tempos de censura, nos anos de chumbo da ditadura militar, os novos proprietários investiram na construção de uma sede e em modernos equipamentos para a gráfica do jornal, que produzia, à época, 18 mil exemplares, de 16 páginas, em formato *standard* por hora (ASSIS, 2008, p.73). Em 1977, o jornal implanta sucursais em Jacareí, Taubaté, Guaratinguetá e Caraguatatuba (COSTA, 2002).

De acordo com Pimentel (2000), mesmo diante de diversas crises econômicas, como a que assolou o Brasil na década de 1980, o jornal passou por momentos difíceis, mas conseguiu manter sua periodicidade. No início da década de 1990, porém, o jornal amarga sua maior crise, que reflete diretamente na redução drástica da sua tiragem diária, de 42 mil para oito mil exemplares. Uma das soluções encontradas pela direção é investir na modernização, tanto na infra-estrutura como na qualidade gráfica e editorial do veículo. Em 1994, o jornal informatizou a redação, ampliou o quadro de pessoal e realizou uma reforma gráfica, passando a dar mais ênfase às notícias regionais. Três anos depois, o jornal passa a circular colorido e começa a ter uma incipiente versão virtual.

Apesar de ter conquistado credibilidade, revertendo a tendência negativa revelada em 1994, o jornal ainda tinha problemas que precisavam ser sanados. Além de uma reformulação na abordagem dos assuntos

regionais, o jornal tinha que se tornar mais presente na vida da região (PIMENTEL, 2000, p. 107).

Com essa reestruturação gráfica e editorial, o jornal deixa de ter seu conteúdo dividido por cidades e passa a apresentar editorias: política, economia, esporte, policia e geral (saúde, educação, meio ambiente, etc). Essa mudança incidiu em uma nova dinâmica de apresentação das matérias: os textos que tratavam de um tema específico, sobre diferentes municípios, passaram a ser publicados na mesma página (PEREIRA, 2003).

Atualmente, o conteúdo jornalístico informativo do *Jornal Valeparaibano* pauta os jornais impressos e eletrônicos (*websites* noticiosos), as rádios e, principalmente, as emissoras de televisão regionais, como TV Band Vale e TV Vanguarda, cuja abrangência é até 10 vezes maior que a do próprio jornal. Portanto, o *Jornal Valeparaibano* é a ponta de uma grande pirâmide de notícias regionais, que se poderia chamar de *agenda-setting* do Vale do Paraíba. *Agenda-setting* é a hipótese de que a mídia cria uma agenda pública a partir das notícias que veicula, determinando a pauta dos assuntos discutidos pela sociedade. “As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo” (WOLF, 1995, p.130). Para Barros Filho (1994), *agenda-setting* é a hipótese segundo a qual a disposição e a incidência de notícias pela mídia são determinantes para influenciar nos temas que serão discutidos pelo público.

As matérias publicadas diariamente no *Valeparaibano* são reproduzidas, em grande escala, por toda a imprensa regional - desde modestos periódicos de pequenas cidades até as afiliadas de grandes redes de televisão -, que se apropria das informações que possam despertar o interesse de seu público nos municípios de sua cobertura. Assim, os veículos de comunicação aprofundam essas informações (caso das TVs) ou as adaptam a seu formato (caso das rádios) ou, simplesmente, as reproduzem na íntegra (maioria dos jornais impressos e *sites* de notícias). Isso ocorre, principalmente, por duas razões: a credibilidade do *Jornal Valeparaibano* junto à imprensa e à população (PIMENTEL, 2000), sendo considerado uma referência de pautas diárias para a imprensa regional e, também, em razão da falta de

estrutura das redações dos veículos de comunicação de pequeno porte da maioria das cidades do Vale do Paraíba (COSTA, 2002).

Assim como numa pirâmide, o que “deu no *Valeparaibano*” é notícia em toda a região, ou pelo seu ápice (a circulação do próprio jornal), ou pela estrutura que se abre, em cascata, a partir de sua ponta, que é a difusão do que foi noticiado por toda a região.

O conteúdo editorial do jornal atualmente é dividido em: Primeiro Caderno, composto por textos que abordam notícias regionais; o Caderno Nacional & Internacional, com textos sobre economia, política e assuntos gerais do Brasil e do mundo; o Valeviver, que aborda cultura e variedades, e o Caderno de Esportes. Além dos cadernos diários, o jornal tem os cadernos semanais: Turismo (quartas-feiras), Seu Bairro (quintas-feiras) e Imóveis, ValeTV e Vale Motor (aos domingos) e os suplementos temáticos mensais: Educação, Vale Saúde, Mascotes (sobre bichos de estimação), Design (sobre arquitetura e decoração). Também publica suplementos sazonais, como Vale Verão (produzido semanalmente durante a temporada de verão) e Valemontanha (produzido durante os meses de junho e julho, temporada de inverno), além de outros produtos especiais, como os suplementos comemorativos aos aniversários de alguns municípios de sua região de cobertura e, uma vez por ano, cadernos temáticos alusivos à datas comemorativas específicas, como o suplemento especial Indústria (em maio, em referência ao Dia da Indústria) e Meio Ambiente (em junho, em referência ao Dia do Meio Ambiente).

A mais recente mudança ocorrida no jornal foi a criação de uma primeira página específica e diferenciada para o conteúdo informativo referente ao município de Taubaté e às cidades circunvizinhas, em setembro de 2008.

2.3.3– A regionalização da pauta ambiental

O meio ambiente tem, especialmente, uma vez ao ano, um espaço fixo delimitado na agenda de pauta do *Jornal Valeparaibano*, em um caderno produzido sob a responsabilidade do setor comercial. Para Sousa e Fernandes (2002, p. 4), se, por um lado, o interesse da mídia nacional cresce à medida em que a sociedade também se organiza e cobra ações mais equilibradas em relação ao meio ambiente, por outro lado, há o problema da falta de interesse dos veículos de comunicação

regionais e também da qualidade do material apresentado ao público. Segundo os autores, as redes estão estruturadas como indústrias e, como tal, buscam sobrevivência mercadológica dentro do sistema capitalista. “Ainda que falem do meio ambiente e sustentabilidade não perdem de vista o modelo que as sustenta: não se trata de transformar esse modelo, mas de fazer ajustes”.

Geraque (2004) ressalta que a mídia, por uma série de problemas, que vão desde infraestrutura, recursos humanos ou vontade filosófica, não promove uma cobertura de meio ambiente de forma recorrente, aprofundada e multifacetada.

É de fundamental importância o papel da imprensa regional para a construção da consciência ambiental da população, principalmente porque é a principal fonte pública sobre os acontecimentos para expressiva camada da população de sua abrangência. É o meio que apresenta a maior possibilidade de levar informações aos formadores de opinião, aos gestores públicos e à sociedade, e, conseqüentemente, de provocar reflexões, contribuindo, dessa forma, para a aquisição de conhecimento e informações significativas para mudanças comportamentais (FIGUEIREDO, 2001).

Segundo Belmonte (2004), a cobertura ambiental qualificada ainda carece de espaço e tempo nos veículos de comunicação das principais cidades do Brasil. E acrescenta:

Seja para falar dos problemas que diminuem a qualidade de vida das zonas urbanas, seja para mostrar as alternativas ecológicas que já existem e têm capacidade de mudar o modo como as pessoas compreendem e se relacionam com o ambiente em que vivem (BELMONTE, 2004, 26).

Quanto à dimensão da agenda ambiental na mídia, Villas Boas (2004, p. 9), citando Belmonte (2004), comenta que o meio ambiente está na pauta de assuntos do dia na imprensa, mas geralmente ocupa espaços periféricos e recebe uma abordagem exótica. Segundo o autor, “difícilmente as matérias resultam de uma decisão das chefias, pois o *status* editorial ainda não é proporcional ao tamanho da crise ecológica planetária”.

O *Jornal Valeparaibano* tem relevada importância para a disseminação da pauta ambiental em sua região de abrangência, dentro do contexto que Costa (2002, p.17) define como responsabilidade, ao afirmar que a imprensa exerce um papel

decisivo na vida das pessoas, colaborando com o desenvolvimento da sociedade em todos os seus aspectos.

E a região de abrangência do *Jornal Valeparaibano* é um grande potencial de exploração de pautas ambientais, pois abrange ampla diversidade biológica. Para se ter uma idéia dessa riqueza ambiental, o Vale do Paraíba é uma das poucas regiões do país, que possui áreas remanescentes da Mata Atlântica em extinção (ARGUELLO e SAUSEN, 2007).

2.3.4 – Meio Ambiente regional: grande potencial de problemas e de pautas

Em razão de suas características geográficas, hidrológicas, climáticas e ecológicas, o Vale do Paraíba é considerado uma importante área de preservação biológica (MARTINS e GOMES, 2007). Os autores alertam, no entanto, para a necessidade urgente de adotarem-se medidas de preservação dessas características para a conservação e perpetuação da flora e da fauna regional. Em razão da situação geográfica privilegiada, com florestas, várzeas, cerrados, e grandes variações climáticas, que lhe proporciona uma ampla diversidade ambiental, o Vale do Paraíba abriga um grande número de espécies de aves, “inclusive espécies endêmicas e listadas como ameaçadas” (LENCIONI NETO, 2007, 139).

Nessa região, no entanto, vem se agravando a degradação ambiental em várias esferas, da contaminação dos rios e do solo, ao desmatamento e à extinção de espécies da flora e da fauna. Dentre os principais problemas está a degradação da Bacia do Rio Paraíba do Sul, responsável pelo abastecimento de toda a região. E os fatores que contribuem para a degradação da Bacia são praticamente os mesmos que, juntos ou isoladamente, formam uma grande e integrada rede de problemas enfrentados pela maioria dos municípios da região: como a disposição inadequada do lixo; o desmatamento causador da erosão, que acarreta o assoreamento dos rios, agravando a conseqüência das enchentes; a retirada dos recursos minerais para construção civil sem a devida recuperação ambiental; o uso indevido e não controlado de agrotóxicos; a extração abusiva de areia e argila, a ocupação desordenada do solo, a pesca predatória (CANEPELLE, 2007).

E todos esses problemas mostram como a natureza está totalmente interligada e acabam por formar um ciclo: os problemas que causam a degradação da Bacia e, por conseqüência, o que a Bacia degradada é capaz de causar, como, por exemplo, as mudanças climáticas em escala local. Arguello e Sausen (2007, p.27) enfatizam que estudos recentes realizados sobre o clima de algumas regiões no Vale do Paraíba apontam para a evidência do surgimento de microclimas, “provocados por mudanças na sua formação original, principalmente em áreas onde foram construídas as represas”.

Em razão dos impactos das atividades antrópicas ao longo do tempo, como a agricultura e a pecuária intensivas, bem como os rápidos processos de urbanização e industrialização, a paisagem natural do Vale do Paraíba Paulista passou por modificações que culminaram em perdas irreparáveis à biodiversidade regional. Os impactos em alguns ecossistemas, segundo a autora, chegaram ao ponto de não serem passíveis de restauração ou foram totalmente extintos (FERREIRA, FISCH e TOLEDO, 2007, p.64). Os impactos em alguns ecossistemas, segundo as autoras, chegaram ao ponto de não serem passíveis de restauração ou foram totalmente extintos. “Atualmente, a região se apresenta fragmentada em diferentes tipos de vegetação, como em um mosaico, em uma matriz predominantemente desmatada”.

Sobre estudos do cientista Oyakawa, Caneppele (2007) salienta que a sobrevivência dos animais da Mata Atlântica, entre eles os peixes de riachos, dependem da integridade de todo o ecossistema, onde encontram proteção e alimento, seja das florestas, dos rios e dos solos.

A destruição das matas expõe os peixes à luz direta do sol e aos seus predadores. Além disso, diminui drasticamente a oferta de alimentos e altera o ciclo hidrológico, reduzindo a quantidade das águas no período de seca e provocando grandes enxurradas no período chuvoso. Os solos desprovidos da proteção propiciada pela floresta são erodidos e provocam a destruição dos habitats dos peixes, pois turvam as águas e assoreiam os leitos dos rios (CANEPPELE, 2007, p.100).

O referido autor (p. 101) observa, ainda, que além da importância dos peixes para a conservação das espécies, há a relevância da contribuição desses animais como fonte de proteína para as populações humanas, “representando cerca de 15% de toda a proteína animal consumida no mundo”. Porém, a maioria dos recursos

pesqueiros, principalmente os marinhos, “está completamente explorado ou sobre-explorado”.

A biodiversidade da região também enfrenta a questão do tráfico internacional de animais silvestres, como papagaios, araras, tartarugas e saguis, que está levando centenas de espécies à extinção (GODOY e ZIMMERMANN, 2007, p. 176). “Para cada animal ofertado no comércio ilegal, nove morrem vítimas de transporte inadequado, asfíxia, tortura, falta de água ou alimentos e mutilações”.

Esse contexto oferece um grande arsenal de fatos que merecem e precisam da atenção da imprensa para que possam chegar à sociedade, por meio de textos que provoquem discussões entre governos, autoridades, organizações e toda a sociedade na busca por soluções, que visem à manutenção e a recuperação de todo o patrimônio biológico da região. Acredito que esse deve ser o papel da imprensa.

3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Recapitulando as informações sobre o *Jornal Valeparaibano*, para uma melhor compreensão do objeto deste estudo de caso, é pertinente ressaltar que o conteúdo jornalístico informativo do *Jornal Valeparaibano* pauta os jornais impressos e eletrônicos (*websites* noticiosos), as rádios e, principalmente, as emissoras de televisão regionais, como a TV Band Vale, da Rede Bandeirantes de Televisão, e a TV Vanguarda, afiliada da Rede Globo. Portanto, o *Jornal Valeparaibano* é a ponta de uma grande cadeia, em escala, de notícias regionais, podendo ser considerado uma referência do que é notícia na região. Destarte, é, sem dúvida, um importante objeto de estudo sobre a cobertura jornalística das questões ambientais dessa região, sobre os temas mais abordados, sobre os enfoques e, principalmente, sobre se o jornal cumpre seu papel na contribuição para a construção da consciência ambiental.

A área de abrangência desse veículo de comunicação compreende 39 municípios das regiões do Vale do Paraíba, do Litoral Norte e da Serra da Mantiqueira, e uma população de cerca de 2 milhões de habitantes. Sua tiragem é de 20 mil exemplares diários e de 32 mil aos domingos (PEREIRA, 2004; SILVA, 2008; PIMENTEL, 2000).

FIGURA 1

Mapa da área de cobertura jornalística do *Jornal Valeparaibano*



O estudo foi norteado pela hipótese de que a ausência de uma editoria específica de Meio Ambiente e de repórteres especializados no assunto minimizam a importância das questões ambientais na pauta do *Jornal Valeparaibano*. Para investigar essa hipótese, foi escolhido o ano de 2007, em razão das reestruturações gráfica e editorial ocorridas no *Jornal Valeparaibano*, dentre elas a instituição de um conselho de leitores, a ampliação de seções fixas e a reestruturação do jornal na versão eletrônica, que possibilitaram melhor acesso ao conteúdo do jornal na Internet.

A primeira etapa deste estudo foi a realização de uma ampla pesquisa, com base na temática do meio ambiente, na versão eletrônica do *Jornal Valeparaibano*, no ano de 2007, para coletar as matérias em seu conteúdo editorial, observando-se os critérios de noticiabilidade, que são critérios convencionais de orientação para a seleção dos fatos e acontecimentos do cotidiano, de acordo com sua relevância e seus valores, e a sua apresentação (transformação em notícias). São conceitos que integram a rotina das redações que permitem a seleção dos fatos que serão notícias.

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública. Tudo que não corresponde a esses requisitos é “excluído”, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional (WOLF, 1995, p.189).

Em relação aos critérios de relevância, CARDOSO (2003, p. 111) defende que o grau de noticiabilidade é estabelecido de acordo com uma série de negociações que definem o que pode ser publicável e a forma como a informação será publicada, apesar de haver parâmetros e valores profissionais partilhados nas redações dos jornais. Para a autora (p.111), os critérios de relevância e os requisitos que justificam a noticiabilidade definem os valores-notícia que, por sua vez, norteiam a seleção de um fato que será notícia.

Os valores-notícia funcionam como linhas-guia para a apresentação social da informação. Há que se lembrar que o processo de decisão e de escolha é realizado rapidamente em virtude da própria dinâmica do meio. Essa tarefa é rotinizada, quase automática, pois os valores-notícia estão, ou deveriam estar, internalizados pelos jornalistas (CARDOSO, 2003, p.111).

Lage (2001) argumenta que a notícia pode ser definida como a forma como são transmitidas as experiências do dia-a-dia, uma articulação de símbolos que leva o acontecimento para quem não o presenciou. Para o autor, notícia também pode ser entendida como o relato de uma série de acontecimentos que se deram a partir de um fato mais importante e, este, sob um aspecto mais importante.

Essa conceituação de escala de importância é compartilhada por Motta (1997, p.308), que defende que, para ser notícia um fato deve ter significância e impacto, além de atualidade, proximidade e proeminência (da pessoa envolvida). Para Epstein (2002, p.201), a notícia não é histórica, porque lida com eventos isolados e não procura relacioná-los entre si, seja numa sequência causal seja numa sequência histórica ou teológica. Segundo o autor, a qualidade do efêmero e transitório constitui a verdadeira essência da notícia e, ainda, os assuntos apresentados pela imprensa configuram um campo que determina uma presença e, conseqüentemente, uma ausência da realidade social.

Os textos selecionados para o estudo são os compreendidas pela categoria Jornalismo Informativo. Marques de Melo (1971) defende que as mensagens jornalísticas estão divididas em duas categorias: o jornalismo informativo, restrito a relatar fatos ou a informar o público, que compreende quatro gêneros: nota, notícia, reportagem e entrevista; e o jornalismo opinativo, que engloba sete gêneros: editorial, artigo, comentário, resenha, coluna, caricatura e carta. Para o autor, a repercussão dos acontecimentos, a recepção pela empresa jornalística e o interesse do público são os fatores que permitem determinar como o fato será apresentado.

A categoria Jornalismo Informativo, segundo Marques de Melo (1985), abarca os seguintes gêneros: nota, notícia, reportagem e entrevista.

A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração [...]. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecimento, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade. (MARQUES DE MELO, 1985, p.49).

A pesquisa documental foi realizada na versão eletrônica do *Jornal Valeparaibano* na Internet, especificamente nas matérias que compõem o caderno

regional, levando em consideração que o alvo desse estudo é a análise da abordagem das questões ambientais da região de abrangência desse jornal. Esse é o caderno principal do jornal, pois traz as principais editoriais do jornal diário: economia, política, polícia e cotidiano, que engloba diversas áreas como saúde, educação e meio ambiente. Esse primeiro caderno é sinalizado no *menu* (índice) da página principal do jornal na Internet como Região. Esse *link* Região, por sua vez, é dividido em cinco pequenas regiões, de acordo com a logística de cobertura jornalística dos 39 municípios. São elas: São José, Vale Histórico, Jacareí, Litoral e Taubaté, conforme demonstra a figura 2.

FIGURA 2 – Capa do Jornal Valeparaibano na Internet



Foi realizado um levantamento preliminar do conteúdo da categoria jornalismo informativo (MARQUES DE MELLO, 1971) do caderno regional de todo o ano de 2007, excluindo-se as segundas-feiras, quando o jornal não circula. O período abrangido pela pesquisa foi de 2 de janeiro de 2007 até 31 de dezembro de 2007, perfazendo um total de 312 edições.

Para a seleção e a análise foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977; MARQUES DE MELO, 1972; EPSTEIN, 2002, LAGE, 2001), que estabelece critérios de análises com base na abordagem predominante, na frequência temática e no emprego de palavras-chaves na estrutura do texto e em todos os seus elementos de composição, como os títulos e os subtítulos e no contexto da informação.

Quanto à análise de conteúdo, Epstein (2002, p. 15) enfatiza que os métodos qualitativos (categorização, análise contextual, estrutural, psicanalítica etc) pretendem extrair a significação dos documentos analisados, sejam significados explícitos ou significados latentes. “Os métodos mistos podem combinar técnicas qualitativas e quantitativas como análise semântica de conteúdo, diferencial semântico de Osgood, análise estilística etc..”. Segundo o autor, os métodos quantitativos de análise de conteúdo são baseados em técnicas de amostragem, de decomposição, de codificação, e outras análises matemáticas e estatísticas destinadas a fazer aparecer as propriedades não imediatas dos documentos.

Para Bardin (1977, p.13), a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados: “o fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência”. Na análise de conteúdo, o ponto de partida é a mensagem, mas devem ser consideradas as condições contextuais de seus produtores e assenta-se na concepção crítica e dinâmica da linguagem (PUGLISI e FRANCO, 2005, p. 13).

Minayo (2003, p. 74) enfatiza que a análise de conteúdo visa verificar hipóteses e ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto. “(...) o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto, seja ele explícito e/ou latente.

Para Puglisi e Franco (2005), a análise e a interpretação dos conteúdos coletados para um estudo seriam os procedimentos, e a contextualização é um dos principais requisitos para garantir a relevância dos resultados.

O objetivo da análise de conteúdo é produzir inferência, “trabalhando com vestígios e índices postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos” (PUGLISI e FRANCO, 2005, p. 25).

Para proceder a coleta do material, foi realizada a análise dos textos da categoria Jornalismo Informativo, em todas as edições diárias publicadas na versão eletrônica do jornal na Internet, no ano de 2007, especificamente no caderno regional. Como método de seleção para a análise, foram empregadas estas palavras-chaves: meio ambiente, ecossistema, impacto ambiental, problemas ambientais, poluição, preservação, conservação, ecologia, degradação ambiental, resíduos sólidos, biotecnologia, recursos hídricos, recursos naturais, desmatamento, biodiversidade, nas 312 edições do ano de 2007. Não foi utilizado o sistema de busca ou de pesquisa virtual para a seleção do material, em razão desse sistema no *website* do *Jornal Valeparaibano* ter apresentado falhas durante o processo de pesquisa.

Vale ressaltar que os textos da categoria Jornalismo Informativo do caderno regional impresso são reproduzidos na íntegra na versão eletrônica, com diferenças, apenas, na formatação e na diagramação.

Para reduzir ao máximo a subjetividade dos resultados, o material coletado foi classificado em categorias e subcategorias de análises (BARDIN, 1977).

A análise quantitativa dos dados incluiu todo o conteúdo de jornalismo informativo e o classificou em categorias, para destacar o gênero reportagem dos demais gêneros. A ênfase desta pesquisa é a reportagem, em razão de ser o gênero do jornalismo informativo que, por apresentar as informações de forma ampliada e, muitas vezes, interpretativa e investigativa, explora as possibilidades de um acontecimento (BAHIA, 1960; MARQUES DE MELO, 1972), podendo, assim, contribuir para a construção do conhecimento e, conseqüentemente, promover a educação ambiental.

O gênero reportagem apresenta a notícia de forma ampliada (MEDINA, 1988, p. 68), com os fatos mais esclarecidos, explicados e detalhados (MELO, 1994, p. 28).

A distinção entre a nota, a notícia e a reportagem está exatamente na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e acessibilidade de que goza o público. A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais freqüente no rádio e na televisão. A notícia é um relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado

de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística (MARQUES DE MELO, 2003, p.66).

O conceito geral que norteia os pesquisadores da área da Comunicação é a de que a reportagem tem como ponto de partida um assunto e não necessariamente fatos novos. Para Sodré e Ferrari (1986, p.18), não é necessário que a reportagem prescindia de fatos atuais, como requer a notícia, que tem caráter imediato, pois o texto da reportagem tem função diversa, em razão de que “a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo”.

Sobre o conceito de Sodré, Franceschini (2004) observa que a notícia depende de um fato novo, a reportagem, por sua vez, é produzida a qualquer momento oportuno e argumenta que a atualidade do assunto que será abordado em uma reportagem corresponde ao interesse que essa informação possa despertar no público e ao espaço que essa informação venha a ocupar momentaneamente no imaginário popular.

Para Medina (1978), a reportagem traz a notícia ampliada e o fato aprofundado, tanto no tempo como no espaço.

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação de fatos que situam ou exemplificam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato (MEDINA, 1978, p.134).

Franceschini (2004, p. 152) observa que, noticiar um fato depende, em menor grau, de uma intenção própria de um determinado veículo de comunicação em publicar a notícia, enquanto que para abordar e detalhar um aspecto da realidade por meio de uma reportagem e para publicá-la “é necessário que exista exclusivamente essa intenção em determinado momento”. Esse é um ponto importante para a escolha do gênero reportagem para este estudo de caso que investiga como se dá a presença da pauta de meio ambiente no *Jornal Valeparaibano*, ou seja, se há a intenção de

publicar reportagens sobre os problemas e as soluções para as questões ambientais da região onde esta instituição jornalística está inserida.

Seguindo essa linha, para a análise qualitativa, foram selecionadas as reportagens, de acordo com os seguintes critérios: textos com, no mínimo, três fontes (três informantes) e/ou um intertítulo, quesitos mínimos que podem permitir a ampliação dos fatos (MEDINA, 1978; SODRÉ e FERRARI, 1986; ERBOLATO, 1979).

A partir da seleção dos textos do gênero reportagem para esta pesquisa, o material foi classificado em subcategorias para a análise dos temas ambientais priorizados pelo jornal. A definição dessas subcategorias teve como base a classificação do tema Conservação e Questão dos recursos para o desenvolvimento, do programa de ação Agenda 21, principal documento produzido na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), realizada entre 3 e 14 de junho de 1992, no Rio de Janeiro, que ficou popularmente conhecida como ECO-92 e seu objetivo principal era buscar meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. A Agenda 21 viabiliza o novo padrão de desenvolvimento ambientalmente racional e concretiza os diversos conceitos de protocolos e tratados discutidos pelas nações ao longo de décadas. A Agenda 21 permitiu a criação de programas, de políticas públicas e de ferramentas de gestão para a obtenção do equilíbrio entre consumo, sociedade e capacidade de suporte do planeta (SIRKIS, 1999).

De acordo com Born (2002), a Agenda 21 estabeleceu um processo direcionado à identificar, implementar, monitorar e proceder os ajustes necessários de um programa de ações em diversas áreas.

Trata-se de um processo que resgata a raiz básica do planejamento ao apontar para cenários desejados possíveis, cuja concretização passa pelo pacto de princípios, ações e meios entre os diversos atores sociais, para aproximar o desenvolvimento de uma dada localidade, região ou país, aos pressupostos e princípios da sustentabilidade do desenvolvimento humano. Portanto, deve ser um processo político e participativo em que haja o envolvimento de vários agentes sociais (BORN, 2002, p.9).

O autor observa que a educação ambiental é um dos principais quesitos para a implantação das ações abrangidas pela Agenda 21, em esferas municipais ou regionais.

O item “Conservação e Questão dos Recursos para o Desenvolvimento” apresenta os diferentes enfoques para a proteção da atmosfera e para a viabilização da transição energética, a importância do manejo integrado do solo, da proteção dos recursos do mar e da gestão ecocompatível dos recursos de água doce; a relevância do combate ao desmatamento, à desertificação e à proteção aos frágeis ecossistemas de montanhas; as interfaces entre diversidade biológica e sustentabilidade; a necessidade de uma gestão ecologicamente racional para a biotecnologia e, finalmente, a prioridade que os países devem conferir à gestão, ao manejo e à disposição ambientalmente racional dos resíduos sólidos, dos perigosos em geral e dos tóxicos e radioativos.

Com base nesses grupos de enfoques e para facilitar a compreensão dos dados, foram estabelecidas oito subcategorias, denominadas neste estudo como “temas”. São eles: Atmosfera, Energia, Solo, Água, Florestas e seus ecossistemas, Diversidade Biológica, Biotecnologia e Resíduos Sólidos. Com as subcategorias definidas, a pesquisa alcança seu objetivo de apresentar um mapa das reportagens sobre meio ambiente publicadas no *Jornal Valeparaibano* no ano de 2007, de acordo com os temas priorizados, suas abordagens e características que possam contribuir para a construção da consciência ambiental.

4 . RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 – Análise quantitativa

Do levantamento preliminar do conteúdo de jornalismo informativo do caderno regional de todo o ano de 2007, excluindo as segundas-feiras, quando o jornal não circula, foram pesquisadas 312 edições, volume correspondente ao período de 2 de janeiro de 2007 até 31 de dezembro de 2007. Dos dados coletados, tem-se um panorama do número de textos sobre meio ambiente publicadas no caderno regional do *Jornal Valeparaibano* em 2007.

Na tabela abaixo, verifica-se que, em 2007, foi publicado um total 359 textos, sendo 24, no mês de janeiro, 29, em fevereiro, 48, em março, 36, em abril, 42, em maio, 37, em junho, 27, em julho, 15, em agosto, 26, em setembro, 32, em outubro, 13, em novembro e 30, em dezembro.

TABELA 1 – Conteúdo de Jornalismo Informativo sobre meio ambiente publicado no caderno regional, de janeiro a dezembro de 2007

Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
24	29	48	36	42	37	27	15	26	32	13	30	359

Os dados revelam que os meses que concentraram o maior número de textos sobre meio ambiente foram os de março (48), maio (42) e junho (37). Em março, o jornal noticiou e repercutiu quase diariamente as discussões do impacto ambiental das obras de construção da Via Norte, em São José dos Campos, e do gasoduto da Petrobras, entre Caraguatatuba e Taubaté. As discussões continuam, já com avanços em negociações entre as partes conflitantes e com resultados de relatórios de impacto ambiental, nos meses de maio e junho. As discussões sobre a criação de parques ecológicos também aumentaram a estatística do mês de maio. O início de junho

concentra um número expressivo de textos, principalmente notas e notícias sazonais e temáticas, em razão de eventos comemorativos ao Dia do Meio Ambiente.

Desse total de 359 textos, 113 são reportagens – gênero do Jornalismo Informativo que apresenta as informações de forma ampliada, contextualizada, oferecendo maior possibilidade de contribuir para discussões e promover a educação ambiental.

A Tabela 2 apresenta, mês a mês, as reportagens sobre meio ambiente veiculadas no caderno regional do *Jornal Valeparaibano* em 2007.

TABELA 2 - Conteúdo de Jornalismo Informativo no ano de 2007, destacando o gênero reportagem, definida nesta pesquisa como categoria para análise.

Mês	notas, notícias, entrevistas	reportagem	total/mês
Janeiro	18	6	24
Fevereiro	18	11	29
Março	39	9	48
Abril	30	6	36
Maio	28	14	42
Junho	20	17	37
Julho	23	4	27
Agosto	12	3	15
Setembro	13	13	26
Outubro	19	13	32
Novembro	7	6	13
Dezembro	19	11	30
Total	248	113	359

A tabulação dos dados, demonstrada na tabela 2, mostra que, do total de textos sobre meio ambiente publicados no ano de 2007, 68,5% são notícias, notas e entrevistas, e 31,5%, são reportagens, de acordo com os gêneros classificados por

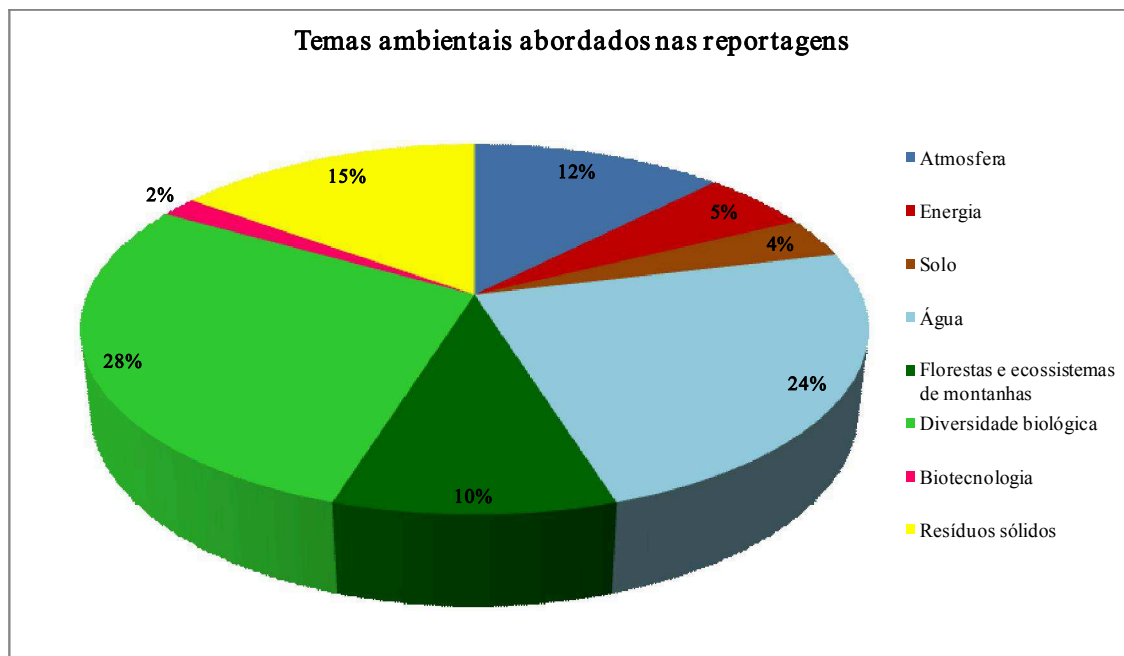
Marques de Melo (1994). Verifica-se que há discrepância no número de textos sobre meio ambiente durante os meses do ano, o que impossibilita traçar uma média.

Quanto ao gênero reportagem, os dados revelam que os meses de junho (17), maio (14), setembro e outubro (13) foram os que apresentaram mais reportagens; com destaque para junho, em razão, principalmente, do Dia do Meio Ambiente, cujos eventos e discussões pertinentes à temática pautam as redações dos jornais de todo o País. O mês de junho também merece destaque por apresentar reportagens que abrangem todas as subcategorias de análises (que denominamos temas ambientais), definidas nesta pesquisa, conforme demonstra a Tabela 3, a saber:

TABELA 3 - Temas ambientais abordados nas reportagens, de janeiro a dezembro de 2007

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Atmosfera	--	--	--	1	2	3	1	--	--	1	1	1	14
Energia	--	1	1	--	1	1	--	--	1	1	--	--	6
Solo	--	1	--	--	--	1	--	--	1	--	1	--	4
Água	1	1	2	2	5	2	2	--	5	3	1	3	27
Florestas e Ecossistemas de montanhas	1	2	--	1	2	1	--	--	1	2	1	--	11
Diversidade Biológica	3	5	3	2	2	3	1	2	2	3	2	4	32
Biotecnologia	--	--	--	--	--	2	--	--	--	--	--	--	2
Resíduos sólidos	1	--	--	--	2	4	--	1	3	3	--	3	17

GRÁFICO 1 – Demonstrativo de percentual dos temas ambientais abordados nas reportagens em 2007



Os dados mostram as prioridades da pauta de reportagens do jornal na abordagem das questões ambientais ao longo de 2007, que foram, nessa ordem: Diversidade Biológica, Água e Resíduos Sólidos. Verifica-se que Diversidade Biológica é a questão ambiental que mais pautou reportagens, num total de 32, principalmente por abarcar um leque maior de temas abordados, como flora e fauna terrestre e marinha, por exemplo. Merece destaque o mês de fevereiro, que concentrou o maior número de reportagens sobre essa questão, 5, seguida do mês de dezembro, com 4.

Os problemas envolvendo a Água pautaram 27 reportagens ao longo do ano, com destaques para os meses de maio e setembro, ambos com 5 reportagens.

Em terceiro lugar nesse *ranking*, vem Resíduos Sólidos, questão que foi abordada em 17 reportagens.

Na sequência, a pesquisa revela que foram 14 reportagens, abordando a Atmosfera, 11, sobre Florestas e seus ecossistemas, 6, enfocando Energia, 4, envolvendo o tema Solo, e apenas 2 abordaram Biotecnologia.

No que diz respeito à presença do meio ambiente no noticiário regional, os resultados da análise quantitativa dos dados desta pesquisa mostram que o *Jornal Valeparaibano* assume a responsabilidade de incluir as questões ambientais regionais em sua pauta diária. Foi publicado um total de 359 textos sobre meio ambiente no ano de 2007 no *Jornal Valeparaibano*, o que significa, nesse período, em média, um texto diário, considerando que o jornal não circula nas segundas-feiras. Esse volume mostra que o tema é priorizado na seleção dos fatos que serão pauta no dia a dia do jornal.

Em relação aos temas ambientais priorizados, na análise quantitativa, a tabulação também demonstra que a seleção das pautas das reportagens de 2007 do jornal considerou as potencialidades ambientais, bem como os principais problemas ambientais da região de sua abrangência. Sobre esse aspecto, Fonseca (2004) enfatiza que a reportagem é de grande valia quando traz para a sociedade a discussão das questões concretas de cada região. Bueno (2007) corrobora com essa premissa, enfatizando que a pauta ambiental deve focar a realidade de seu público, em razão de ser mais eficaz a conscientização e a mobilização a partir de situações que digam respeito ao cotidiano.

4.2 – Análise qualitativa

A análise qualitativa das reportagens, classificadas por temas (subcategorias da análise de conteúdo), é apresentada, a partir das tabelas 4 e 5, que mostram, em linhas gerais, um resumo de suas abordagens e enfoques.

TABELA 4 – Reportagens que abordam o tema DIVERSIDADE BIOLÓGICA, no primeiro semestre de 2007, e seus títulos:

MÊS	TÍTULOS DAS REPORTAGENS
JANEIRO	Trilhas da Anchieta – Filhos da Ilha viram guias em Ubatuba Museu de história natural deve ser ampliado em 2007 Governo Serra mapeia impacto ambiental de obras no litoral
FEVEREIRO	Estado inicia licenciamento para duplicação da Tamoios MP pede embargo da obra da Via Norte Via Norte “esquenta” disputa PSDB-PT População investe na preservação Justiça dá sinal verde para Via Norte
MARÇO	Estado quer rigor na obra da Via Norte Aquário de Ubatuba reproduz espécies em risco de extinção TJ veta início da obra da Via Norte
ABRIL	Parque da Cidade ganha mini-zoológico Grupo teme prejuízo à pesca após instalação de gasoduto
MAIO	São José inicia mapeamento de propriedades do Banhado Proliferação de plantas em lago preocupa Alto da Ponte
JUNHO	Com brincadeiras, ONGs reforçam mensagens Caçapava incentiva a adoção de praças Perdidos na região, animais da Patagônia viram atração

TABELA 5 – Reportagens que abordam o tema DIVERSIDADE BIOLÓGICA, no segundo semestre de 2007, e seus títulos

MÊS	TÍTULOS DAS REPORTAGENS
JULHO	Vândalos destroem árvore centenária em Taubaté
AGOSTO	São José investirá R\$ 1 mi em zoológico Inpe rastreia gavião-real por satélite
SETEMBRO	Áreas verdes ficam “órfãs” em São José Plantio deixa São José mais verde
OUTUBRO	Frente verde combate via no Bahado Grilos revelam áreas de mata intocadas em São Francisco
NOVEMBRO	Parques de São José terão investimento de R\$ 700 mil Grupo lança manual de etiqueta verde
DEZEMBRO	Meio Ambiente terá reforço de R\$ 25 mi Livro revela perfil biológico do Vale Região já conta com MP verde MP quer barrar sacrifício de animais no CCZ

Os dados mostram que os problemas ambientais abrangidos pelo tema Diversidade Biológica pautaram o maior número de reportagens do *Jornal Valeparaibano* em 2007. Foram 33 reportagens, sendo que a maioria refere-se às discussões quanto ao impacto de obras de grande porte em municípios do Litoral Norte, na Rodovia dos Tamoios e na cidade de São José dos Campos, sem, portanto, relatar e explicar quais são os reais problemas ambientais que essas obras podem causar, quais serão as consequências para o meio ambiente e para a sociedade.

Outros assuntos que pautaram as reportagens desse tema foram a dos impasses em relação à criação de uma área de proteção integral e de um zoológico, ambos em São José dos Campos. De uma forma geral, a Diversidade Biológica da região é abordada pelo prisma do factual, com o viés da discussão política ou econômica, e pouco esclarece em relação aos reais problemas ambientais. Sobre essa abordagem, Eduardo Geraque (2004, p.79) comenta que “a simplificação rasa, freqüente na imprensa, não ajuda a desvendar os problemas ambientais”. O caminho, segundo ele, é mergulhar na complexidade, nas várias facetas que a biodiversidade tem e em como elas podem ser capturadas pelo jornalismo no século XXI.

É relevante observar que o Vale do Paraíba é considerado uma importante área de preservação biológica, em razão de suas características geológicas, hidrológicas, climáticas e ecológicas, e por abrigar áreas remanescentes da Mata Atlântica (MARTINS e GOMES, 2007; ARGUELLO e SAUSEN, 2007).

Quanto ao impacto ambiental das obras de expansão do Porto de São Sebastião, no Litoral Norte Paulista, de duplicação da Rodovia dos Tamoios, que liga o Vale do Paraíba ao Litoral Norte Paulista e da implementação do gasoduto da Petrobras, entre o Litoral Norte e o Vale do Paraíba, foram publicadas três reportagens em 2007: “Governo Serra mapeia impacto ambiental de obras no litoral” (janeiro) aborda a discussão política e econômica sobre os impactos que podem ser causados à biodiversidade do Litoral Norte pelas obras; “Estado inicia licenciamento para duplicação da Tamoios” (fevereiro), com base nos desdobramentos da reportagem de janeiro; “Grupo teme prejuízo à pesca após instalação de gasoduto” (abril) enfoca a preocupação dos pescadores de Ilhabela quanto ao impacto do gasoduto na fauna marinha. Esta última, portanto, não apresenta um histórico dos fatos, não contextualiza os fatos e não traz explicações de especialistas sobre os reais riscos desse impacto. Sobre essa questão, é importante ressaltar que, segundo estudos realizados pelo biólogo Danilo Caneppele (2007), os recursos pesqueiros já se encontram totalmente explorados ou sobre-explorados.

As discussões do impacto ambiental da construção da Via Norte, em São José dos Campos, começam a pautar as reportagens do *Valeparaibano* em fevereiro, quando são elaboradas três reportagens sobre o assunto: “MP pede embargo da obra da Via Norte”, com base em parecer do Ministério Público sobre impacto em área de

várzea; “Via Norte ‘esquenta’ disputa PSDB-PT”, factual, de cunho político, e “Justiça dá sinal verde para Via Norte”, também factual, fazendo um desdobramento da anterior. As discussões continuam a ser abordadas em mais duas reportagens no mês de março: “Estado quer rigor na obra da Via Norte” e “TJ veta início da obra da Via Norte” e uma em outubro, “Frente verde combate via no Banhado”, que aborda os argumentos e as justificativas de grupo de ambientalistas contrário à construção da Via Norte. Apesar dessa série de reportagens sobre a Via Norte apresentar discussões e provocar outras tantas sobre o potencial impacto que será causado ao meio ambiente do local, não mostra aos leitores quais serão os reais prejuízos ambientais das obras àquela área e nem tampouco quais as consequências para a população.

As discussões sobre a instalação de um pequeno zoológico no Parque da Cidade, em São José dos Campos, pautaram duas reportagens ao longo do ano: “Parque da Cidade ganha mini-zoológico” (abril); “São José investirá R\$ 1 mi em zoológico” (agosto), esta última é uma reportagem que traz as informações de forma mais ampla, contextualizando os processos que envolvem a criação de um zoológico em São José dos Campos, mostrando a opinião de especialistas que apresentam e justificam os argumentos favoráveis e contrários à sua implantação.

A polêmica sobre a transformação de uma área de várzea, conhecida como Banhado, de São José dos Campos, em parque natural de proteção integral também foi destaque do jornal em reportagens ao longo do ano: “São José inicia mapeamento de propriedades do Banhado” (maio), que aborda o planejamento da Prefeitura para o parque, e “Parques de São José terão investimento de R\$ 700 mil”, que aborda os recursos destinados pela Petrobras, à título de compensação ambiental pela ampliação da Refinaria Henrique Lage (Revap-Petrobras), para a criação de parque natural no Banhado.

Quanto à cobertura de polêmicas, de esfera política e econômica, envolvendo a questão da biodiversidade, há de se considerar a posição de Geraque (2207), quando ressalta que esse tema tem lastro suficiente para que novas ferramentas jornalísticas sejam apresentadas, independentemente do meio em que estejam sendo empregadas.

As reportagens com enfoque em comportamento mereceram destaque do jornal quanto à apresentação das informações de forma ampla: “População investe na

preservação” (fevereiro) aborda o comportamento da sociedade quanto às posturas que colaboram para a preservação da biodiversidade; “Com brincadeiras, ONGs reforçam mensagens” explora iniciativas de grupos que, de forma lúdica, promovem educação ambiental, principalmente quanto à fauna e à flora, para crianças da rede pública de ensino; “Caçapava incentiva a adoção de praças” (junho) aborda iniciativas de ONGs e do poder público para promover a recuperação de áreas verdes. Esses textos apresentaram os problemas ambientais regionais, suas causas e seus efeitos, além de soluções e iniciativas de conservação e preservação ambiental, mostrando os fatos de forma contextualizada, com trajetória de acontecimentos, que auxiliam o leitor a compreender melhor o que ocorre na região.

Sobre a necessidade do aprofundamento de informações, Bueno (2007) defende que é de fundamental importância que a pauta ambiental dissemine informações, conhecimentos e vivências, que esclareça e indique caminhos, contribuindo, assim, para que a população participe das discussões.

Ainda inserida nesse grupo de reportagens de comportamento, a reportagem intitulada “Grupo lança manual de etiqueta verde” apresenta informações superficiais na abordagem de lançamento de livro que contém dicas de postura correta para a conservação da natureza. Numa breve análise, o texto banaliza a real importância da adoção de hábitos corretos em relação à preservação ambiental e lhe atribui a conotação de modismo.

Em setembro, duas reportagens são pautadas pelo problema da escassez de áreas verdes em São José dos Campos: uma investigativa, ampla e detalhada, “Áreas verdes ficam ‘órfãs’ em São José”, que denuncia a ausência de um programa de incentivo ao plantio de árvores e ao reflorestamento, e “Plantio deixa São José mais verde”, que, como um contraponto à reportagem anterior, aborda um programa de plantio nas margens de nascentes e em áreas urbanas – esta última foi publicada no Dia da Árvore (23 de setembro).

Em relação à biodiversidade marinha, foram três reportagens: “Aquário de Ubatuba reproduz espécies em risco de extinção” (março), elaborada com base em pesquisa, a reportagem traz informações detalhadas e contextualizadas sobre o assunto, o que contribui para ampliar o conhecimento sobre a biodiversidade marinha e a necessidade da preservação das espécies; “Perdidos na região, animais da

Patagônia viram atração” (junho), pautada por factual, a reportagem aborda o aparecimento dos animais nas praias do Litoral Norte, mas não orienta sobre o que a população pode fazer para ajudar a salvá-los; “Meio Ambiente terá reforço de R\$ 25 mi” (dezembro), a reportagem aborda os recursos da Petrobras para projetos ambientais, entre eles o de preservação de tartarugas em Ubatuba, o Projeto Tamar.

Quatro reportagens foram pautadas por factuais e apresentam os fatos sem contextualização e sem uma trajetória que possa facilitar o entendimento sobre causa e efeito e sobre a participação da sociedade nesses acontecimentos. São elas: “Proliferação de plantas em lago preocupa Alto da Ponte” (maio), elaborada com base em denúncia de moradores; “Vândalos destroem árvore centenária em Taubaté”, com base em denúncia; “Região já conta com MP verde”, sobre a instalação de uma Promotoria Regional de Meio Ambiente para atuar nas áreas de poluição atmosférica, de expansão irregular do plantio de eucaliptos e de lançamento de esgoto sem tratamento no rio Paraíba; “MP quer barrar sacrifício de animais no CCZ”, aborda ação do Ministério Público contra a Prefeitura de São José dos Campos por promover matança de cães e gatos em seu Centro de Controle de Zoonose.

Pautadas por pesquisas científicas, foram publicadas três reportagens: “Inpe rastreia gavião-real por satélite”, a reportagem não tem qualquer enfoque regional e aborda os estudos realizados pelo Instituto para proteger espécie em extinção; “Grilos revelam área de mata intocadas em São Francisco” (outubro), elaborada com base em estudo científico realizado por um pesquisador da Unesp, que detectou 16 novas espécies de grilos em São Francisco Xavier; “Livro revela perfil biológico do Vale” (dezembro), reportagem que enfoca as principais características da biodiversidade da região, elencadas em obra de cunho científico-pedagógico.

Com base em projetos que visam promover a educação ambiental e a preservação da biodiversidade, foram publicadas duas reportagens de profundidade: “Museu de história natural deve ser ampliado em 2007” (janeiro), sobre a ampliação do número de espécies em museu de Taubaté; “Filhos da Ilha viram guias em Ubatuba” (janeiro), que aborda a preservação da biodiversidade do Parque Estadual da Ilha Anchieta, em Ubatuba, por meio de um programa monitorado de turismo ambiental.

TABELA 6 – Reportagens que abordam o tema ÁGUA, no primeiro semestre de 2007, e seus títulos

MÊS	TÍTULO
JANEIRO	Sabesp promete despoluir o rio Paraíba Poluição ameaça praias o ano todo
FEVEREIRO	Estudo prevê um investimento de R\$ 4,6 bi para despoluir o Paraíba .
MARÇO	380 mil litros de esgoto vazam em praia Creche da prefeitura tem obra embargada
ABRIL	Sindicância apura brecha para areeiros Campos terá 100% de esgoto tratado
MAIO	Uso da água de mananciais será cobrado (no trecho da bacia do rio Paraíba do Sul) Morador reclama de cheiro ruim em rio na zona norte Expedição do Inpe vai medir o Amazonas Cetesb multa Sabesp por poluição Sob pressão, Sabesp aplica R\$ 1 bi no Vale
JUNHO	Limpeza do rio Paraíba vai custar R\$ 8 milhões Vale ganha 110 cavas de areia em 7 anos

TABELA 7 – Reportagens que abordam o tema *ÁGUA*, no segundo semestre de 2007, e seus títulos

Mês	Título
JULHO	Sob pressão, Sabesp promete obras Grupo percorre rio Paraíba de caiaque
AGOSTO	-----
SETEMBRO	CBH define destino de verba do Paraíba Represas têm 50% de água armazenada Expedição detecta problemas em rio Jacareí retoma projeto para revitalizar orla do Paraíba Elevação do nível do mar muda rotina do litoral
OUTUBRO	Vila Sahy, no litoral, ganha base de tratamento de esgoto Sabesp quer R\$ 238 mi para tratar esgoto no Litoral Norte MP apura degradação em várzeas às margens do Paraíba
NOVEMBRO	Redução de vazão em represa afeta 10 bairros de Jacareí
DEZEMBRO	Moradores sofrem com esgoto a céu aberto no Nova Esperança Manguezais correm risco de desaparecer no Litoral Norte Limpeza do rio Paraíba fica para 2008

No ano de 2007, foram publicadas 28 reportagens abordando o tema *Água*, com maiores concentrações nos meses de junho, setembro e dezembro. Desse total,

apenas uma reportagem não tem enfoque regional: “Expedição do Inpe vai medir o Amazonas”, que aborda estudos do Instituto para explorar as nascentes do rio Amazonas.

Mereceram destaque do jornal os problemas ambientais da bacia do rio Paraíba do Sul, que pautaram 11 reportagens: “Estudo prevê um investimento de R\$ 4,6 bi para despoluir o Paraíba”, de fevereiro, elaborada com base em estudo da UFRJ para o Ceivap, a reportagem traz a trajetória histórica dos fatos e a contextualização dos problemas; “Uso da água de mananciais será cobrado” (maio), reportagem ampla sobre a cobrança do uso da água por empresas de saneamento básico e empresas de grande porte; “Limpeza do rio Paraíba vai custar R\$ 8 milhões” (junho), reportagem ampla com base em projeto da Agência Nacional de Águas, para um trecho de cerca de 60 quilômetros, entre Jacareí e Caçapava; “Vale ganha 110 cavas de areia em sete anos” (junho), reportagem interpretativa e contextualizada com base em estudos do Inpe; “Grupo percorre rio Paraíba de caiaque”, sobre comportamento, aborda problemas detectados por grupo de ambientalistas, que alertam para a importância da preservação do rio; “CBH define destino de verba do Paraíba”, sobre a destinação de recursos para a despoluição do rio e para a recuperação da mata ciliar, “Expedição detecta problemas em rio” e “Jacareí retoma projeto para revitalizar orla do Paraíba”, essas três últimas contextualizam os fatos (publicadas no mês de setembro); “MP apura degradação em várzeas às margens do Paraíba” (outubro) e “Limpeza do rio Paraíba fica para 2008” também são reportagens que trazem os fatos contextualizados, que esclarecem sobre a degradação do rio e as medidas necessárias para promover a sua recuperação.

Sobre os problemas enfrentados pelas represas da região, o jornal publicou em 2007 duas reportagens: “Represas têm 50% de água armazenada (setembro), investigativa, mostra a situação dos dois principais reservatórios de água do Vale do Paraíba, Jaguari e Paraibuna; “Redução de vazão de represa afeta 10 bairros de Jacareí” (novembro), com base em notícias e seus desdobramentos, não contextualiza os fatos.

Também há destaque para as reportagens que enfocam as discussões sobre a renovação do contrato da Sabesp com 17 municípios das regiões do Vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira. Apesar de terem enfoque político, as

reportagens elencam os problemas enfrentados pela população em relação à qualidade da água e, principalmente, à rede de coleta e tratamento de esgoto, sob a gestão da Sabesp, e abordam as diretrizes estratégicas dessa companhia para renovar os contratos e os compromissos assumidos de promover a melhoria da qualidade da água e do tratamento de esgoto: “Campos terá 100% de esgoto tratado”, publicada em abril, “Sob pressão, Sabesp aplica R\$ 1 bi no Vale” (maio), “Sob pressão, Sabesp promete obras” (julho) e “Sabesp quer R\$ 238 mi para tratar esgoto no Litoral Norte” (outubro).

A questão da água também é abordada em quatro reportagens pautadas por factuais, que não apresentam a contextualização ou o histórico dos fatos: “Creche da Prefeitura tem obra embargada” (março), enfoca a suspeita de dano ambiental a uma nascente de água; “Sindicância apura brecha para areeiros” (abril), sobre permissão de extração de areia no município de São José dos Campos; “Morador reclama de cheiro ruim em rio na zona norte”(maio), sobre aplicação de multa à Sabesp por lançamento de resíduos sem tratamento no rio Jaguari; “Moradores sofrem com esgoto a céu aberto no Nova Esperança” (dezembro), com base em denúncia de moradores do bairro, localizado em área de proteção ambiental de São José dos Campos.

Os problemas ambientais envolvendo a água marinha pautaram três reportagens: “Poluição ameaça praias o ano todo” (janeiro), abrangente, elaborada com base em relatório da Cetesb, contribui para orientar a população quanto à qualidade das praias e para a preservação; “380 mil litros de esgoto vazam em praia” (março), com base em notícia sobre acidente em bomba da Sabesp; “Cetesb multa Sabesp por poluição” (maio) traz os desdobramentos sobre um vazamento de esgoto ocorrido em Caraguatatuba em março; “Elevação do nível do mar muda rotina do litoral” (setembro), com base em relatos dos moradores quanto aos efeitos provocados pelas mudanças climáticas, não traz esclarecimentos técnicos e não contextualiza as informações; “Vila Sahy, no litoral, ganha base de tratamento de esgoto” (outubro), sobre implantação de um sistema alternativo de tratamento de esgoto, realizada por grupo de moradores de um bairro de São Sebastião, onde a maior parte do esgoto dos bairros é despejada no mar, sem tratamento, também não

contextualiza as informações e nem tampouco mostra comparações ou histórico da situação.

Verifica-se que, de todos os assuntos enfocados no tema Água, os problemas envolvendo a degradação da bacia do rio Paraíba do Sul, responsável pelo abastecimento de água para a maioria dos municípios do Vale do Paraíba, são os que pautaram um número maior de reportagens de profundidade, com contextualizações, e que trazem informações mais detalhadas, principalmente as que foram pautadas por estudos científicos, que apresentam dados estatísticos, comparações e informações de especialistas sobre os assuntos, além de informações complementares, como histórico dos fatos e infográficos, que possibilitam ao leitor uma melhor compreensão do texto.

Já em relação aos demais assuntos abordados, as reportagens são pautadas pelo factual, como as referentes à extração de areia, ao esgoto lançado sem tratamento em rios e no mar e ao problema do abastecimento nos municípios da região. É oportuno, nesse contexto, citar a opinião de Fonseca (2007), quando reforça que acidentes acontecem, mas tornam-se insuportáveis quando a sociedade carece de informações básicas e cotidianas acerca da situação e das condições de usufruto dos recursos hídricos de sua cidade.

TABELA 8 - Reportagens que abordam o tema RESÍDUOS SÓLIDOS, no primeiro semestre de 2007, e seus títulos

Mês	Título
JANEIRO	Parque ecológico construído em lixão faz sucesso em Guará
FEVEREIRO	-----
MARÇO	-----
ABRIL	-----
MAIO	Ubatuba desativa aterro sanitário em três meses Cetesb condena seis aterros na região
JUNHO	Urbam quer aterro ecológico em 2008 Entulhódromos invadem 160 áreas em bairros de Taubaté Coleta seletiva vira sinônimo de lucro Vila Garcia pede construção de muro em terreno da Votorantim Lixão de Caraguá será fechado em 90 dias –

TABELA 9 - Reportagens que abordam o tema RESÍDUOS SÓLIDOS, no segundo semestre de 2007, e seus títulos

Mês	Título
JULHO	-----
AGOSTO	Lixões clandestinos desafiam São José
SETEMBRO	Pinda recicla 80% das latas de alumínio do país Aterro ameaça desalojar 120 famílias em São José Santa Tereza, em Taubaté, ganha centro de reciclagem
OUTUBRO	Cooperativas melhoram a vida de catadores S. José faz ofensiva contra “entulhódromos” Cava de areia será depósito para reciclagem de resíduos
NOVEMBRO	-----
DEZEMBRO	Bares e restaurantes dão exemplo na preservação do meio ambiente Coleta de lixo é monitorada via GPS Alunos transformam sucata em música

Os problemas envolvendo Resíduos Sólidos foram abordados em 17 reportagens em 2007. As reportagens podem ser divididas em quatro enfoques: os aterros sanitários, o acúmulo de resíduos em terrenos abandonados em São José dos Campos e Taubaté, a desativação de lixões e as alternativas para os problemas do lixo, como a coleta seletiva e a reciclagem.

Os aterros sanitários são abordados em quatro reportagens em 2007, que se encaixam nas características que Belmonte (2007) observa como

descontextualizadas, pois abordam os problemas como se estes estivessem à margem da sociedade na qual está inserido o jornal. O autor ressalta que os editores lembram-se do lixo se o aterro sanitário, quando existe, esgotou sua capacidade e se esquecem que o aterro esgotado acaba contaminando os rios e que esse ciclo tem início no padrão de consumo exagerado estimulado, principalmente, pelos próprios meios de comunicação. Segundo Belmonte, os jornais, dificilmente, propõem reportagens interpretativas, de fôlego, sobre o padrão de consumo nas grandes cidades.

Quanto aos aterros sanitários, em maio, foram duas reportagens: “Ubatuba desativa aterro sanitário em três meses”, que enfoca o término da vida útil do aterro do município de Ubatuba e o transbordo do lixo para outro município, e “Cetesb condena seis aterros na região”, reportagem de profundidade, elaborada com base em relatório divulgado pela Cetesb sobre tratamento dispensado ao lixo domiciliar coletado diariamente em 2006 nos 39 municípios das regiões do Vale do Paraíba, Litoral Norte e Serra da Mantiqueira. Veiculada em junho, “Urbam quer aterro ecológico em 2008” é uma reportagem de profundidade sobre alternativas apresentadas pela Urbanizadora Municipal (Urbam), empresa vinculada à Prefeitura de São José dos Campos, para colocar em operação uma unidade de tratamento técnico de gás metano no aterro sanitário, para suprimir a emissão do CO₂ e transformá-lo em energia. “Aterro ameaça desalojar 120 famílias em São José” (setembro) é pautada por notícia de denúncia sobre o projeto de ampliação do aterro sanitário de São José dos Campos, que abrangerá área ocupada por 120 famílias no bairro Torrão de Ouro.

Dentro do contexto dos problemas com os lixões, a reportagem “Coleta de lixo é monitorada via GPS”, publicada em dezembro, aborda um recurso tecnológico para o monitoramento da coleta de lixo em São José dos Campos. Trata-se de uma reportagem superficial, pautada por notícia, que enfoca a tecnologia aplicada ao serviço de informações sobre a coleta de lixo em São José dos Campos, que passa a ser acessível, via internet, à população.

A questão dos “entulhódromos” gerados por resíduos orgânicos, químicos e, principalmente, pela construção civil nos municípios de São José dos Campos e Taubaté, foi abordada em cinco reportagens ao longo do ano: “Entulhódromos invadem 160 áreas em bairros de Taubaté” (junho) é uma reportagem investigativa

que mostra a situação dos lixões, contendo resíduos domésticos e até químicos, instalados irregularmente em terrenos baldios do município; “Vila Garcia pede construção de muro em terreno da Votorantim” (junho) é factual, com base em denúncia de moradores próximos a uma área verde, de propriedade da Votorantim, que estaria em situação de acúmulo de lixo; “Lixões clandestinos desafiam São José” (agosto), investigativa, aborda a destinação dos resíduos da construção civil no município de São José dos Campos; “S. José faz ofensiva contra ‘entulhódromos’” (outubro), reportagem de profundidade sobre a situação dos depósitos clandestinos de resíduos da construção civil; “Cava de areia será depósito para reciclagem de resíduos” (outubro) aborda os desdobramentos da reportagem de junho sobre os entulhódromos em Taubaté e a alternativa encontrada pela administração pública para minimizar o problema.

Abordando coleta seletiva e reciclagem, foram publicadas seis reportagens. Apesar de conter dados estatísticos que subsidiariam a elaboração de uma reportagem de profundidade, a reportagem “Coleta seletiva vira sinônimo de lucro” (junho) aborda o tema de forma superficial, mostrando a cadeia produtiva da coleta seletiva pública de São José dos Campos, porém sem trazer contextualização, histórico dos fatos ou comparações; “Pinda recicla 80% das latas de alumínio do país” (setembro), meramente informativa, sobre os resultados da empresa Novelis, que atua no segmento de alumínio; “Santa Tereza, em Taubaté, ganha centro de reciclagem” (setembro), com base em notícia sobre a concessão, pela Prefeitura, de uma área para construção de um centro de reciclagem; “Cooperativas melhoram a vida de catadores” (outubro) aborda o trabalho realizado pelas cooperativas que atuam com reciclagem de resíduos sólidos. Em dezembro, foram elaboradas duas reportagens de comportamento, pautadas pela reciclagem: “Bares e restaurantes dão exemplo na preservação do meio ambiente”, reportagem que aborda comportamento e mostra atitudes que podem contribuir para a formação da conscientização ambiental e “Alunos transformam sucata em música”, que enfoca a transformação de sucata em instrumentos musicais, por alunos de uma escola pública de Cachoeira Paulista.

Nesse grupo de reportagens que mostram exemplos de ações que contribuem para a construção da conscientização ambiental está incluída a intitulada “Parque

ecológico construído em lixão faz sucesso em Guará”, que enfoca a solução encontrada pelo poder público para um aterro de 30 anos, desativado e transformado em área verde para lazer e atividades de promoção da conscientização ambiental.

TABELA 10 – Reportagens que abordam o tema ATMOSFERA, no primeiro semestre de 2007, e seus títulos

Mês	Título
JANEIRO	
FEVEREIRO	Inpe mapeia impacto do “Efeito Estufa”
MARÇO	Inpe anuncia novo pólo para mapear desastres ambientais Estudo sobre mudanças no clima é concluído São José desenvolve controle de poluentes no transporte coletivo
ABRIL	Inpe lidera megaprojeto sobre clima Maquetes ambientais auxiliam escolas de São José dos Campos
MAIO	Estudo revela “ilhas de calor” em S. José Pesquisadores do Vale vão integrar megaprojeto de pesquisas nos pólos
JUNHO	São José monitora poluentes no trânsito Poluição atinge centro e norte de São José Operação Caça-fumaça multa 61 veículos

TABELA 11 – Reportagens que abordam o tema ATMOSFERA, no segundo semestre de 2007, e seus títulos

Mês	Título
JULHO	Pesquisa aponta poluição em São Francisco
AGOSTO	-----
SETEMBRO	-----
OUTUBRO	Ozônio deixa São José em estado de atenção
NOVEMBRO	Grupo do Inpe vai reforçar debate sobre clima mundial
DEZEMBRO	Expedição de S. José visita Patagônia

As questões ambientais que envolvem o tema Atmosfera são apresentadas em 14 reportagens, sendo 10 pautadas por estudos científicos, boa parte realizada pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), localizado em São José dos Campos, que está na área de cobertura do *Jornal Veleparaibano*. É importante ressaltar que, apesar de as reportagens serem bem elaboradas, com subsídios técnicos que permitem explicações detalhadas e comparações, a maioria das reportagens aborda os impactos do efeito estufa e as mudanças climáticas e enfoca os fatos no contexto global, sem contextualizar os problemas em esfera regional. Do total de reportagens, oito foram pautadas por pesquisa do Inpe. “Inpe mapeia impacto do Efeito Estufa” (fevereiro), “Inpe anuncia novo pólo para mapear desastres ambientais” e “Estudo sobre mudanças no clima é concluído” (março), “Inpe lidera megaprojeto sobre clima” (abril), Pesquisadores do Vale vão integrar megaprojeto de pesquisas nos pólos” (maio), “Grupo do Inpe vai reforçar debate sobre clima mundial”. São reportagens de profundidade, com informações abrangentes, que

trazem retrancas e infográficos, que fomentam as discussões sobre as questões atmosféricas da atualidade e contribuem para a construção da conscientização ambiental. Porém, a maioria das reportagens com base em estudos do Inpe não é regional. Apesar de apresentarem subsídios para provocar as discussões quanto à poluição atmosférica, as reportagens não apresentam informações regionais, que podem levar o leitor a questionar a realidade do local onde vive.

Outra reportagem que se insere nesse contexto de falta de regionalização é publicada em dezembro: “Expedição de São José visita Patagônia”, que aborda o estudo de um grupo de pesquisadores de São José dos Campos sobre os reflexos do aquecimento global.

As exceções, quanto às reportagens pautadas por pesquisas do Inpe, são as intituladas “Poluição atinge centro e norte de São José”, publicada em junho de 2007, e “Pesquisa aponta poluição em São Francisco Xavier”, publicada em julho. A primeira, elaborada com base em estudo desenvolvido pelo Inpe, em parceria com empresas, escolas e universidades, identifica os trechos do município com maior concentração de poluentes. Além de informar a população sobre o panorama da realidade da qualidade do ar em São José dos Campos, a reportagem instiga a discussão para as alternativas de contribuição da sociedade para minimizar a poluição do ar.

Elaborada também com base em resultados da pesquisa do Inpe, que pautou a reportagem de junho sobre poluição em São José, a reportagem “Pesquisa aponta poluição em São Francisco Xavier” mostra que o distrito de São Francisco Xavier, situado em uma área de preservação ambiental de São José dos Campos, apresenta índices elevados de poluição atmosférica, apesar de ser uma região predominantemente rural, com baixo fluxo de veículos e com uma vasta área verde. A reportagem, publicada em julho, período de maior concentração de turistas em São Francisco Xavier, remete a discussões quanto à presença de poluentes do ar no distrito, considerado “um refúgio ecológico” do município mais industrializado do Vale do Paraíba.

A adoção de programas de controle de poluentes também pautou três reportagens de abrangência regional, veiculadas em uma série, que tem início no mês de março, com a intitulada “São José desenvolve controle de poluentes no transporte

coletivo”, que aborda o programa de inspeção veicular, fruto de parceria entre a Prefeitura, o Inpe e a Petrobras, e se estende até junho, com duas reportagens com o mesmo enfoque: “São José monitora poluentes no trânsito” e “Operação Caça-fumaça multa 61 veículos”, esta com base em programa de controle de poluentes de veículos promovida pela Cetesb. As reportagens, porém, não relacionam a poluição dos veículos com o comportamento individual dos motoristas.

Outra reportagem pautada por estudos científicos desenvolvidos na área ambiental aparece no mês de maio: “Estudo revela ‘ilhas de calor’ em S.José”. A reportagem mostra o resultado de uma pesquisa que aponta cinco regiões do município com maior concentração de indústrias de grande porte e de edifícios; essas regiões apresentam temperatura mais elevada em relação a outras áreas. A reportagem não traz explicações, comparações ou histórico sobre os fatores que incidem no aumento da temperatura (elencados em apenas um parágrafo), apesar de o estudo apresentar uma base de dados que poderia subsidiar a elaboração de uma reportagem mais ampla que pudesse instigar discussões quanto ao problema.

As questões que envolvem os problemas do ar só voltam a ser pautadas em uma reportagem publicada em outubro “Ozônio deixa São José em estado de atenção”, que traz a divulgação de boletim da Cetesb que aponta alto índice de concentração do gás ozônio no ar, acima dos padrões estabelecidos pela Legislação Ambiental, e as condições meteorológicas para a dispersão dos poluentes desfavoráveis.

Elaborada com base em projeto de educação ambiental de uma Organização Não Governamental, a reportagem “Maquetes ambientais auxiliam escolas de São José dos Campos” tem caráter interpretativo e apresenta, de forma objetiva e pormenorizada, as ferramentas que podem auxiliar na promoção da educação ambiental para crianças de escolas públicas. Essa reportagem pode ser incluída no modelo que Belmonte (2007, p. 33) cita como positivo, mostrando que é possível uma mudança de comportamento da população nas cidades, por meio do relato de histórias pessoais ou, neste caso, de ações pró-ativas, que podem apontar caminhos para promover a construção da conscientização ambiental, assim como “textos interpretativos sobre políticas (ou a falta de políticas) urbanas são fundamentais para cobrar ações do governo”.

TABELA 12 – Reportagens que abordam o tema FLORESTAS e ECOSSISTEMAS DE MONTANHAS, entre janeiro e dezembro de 2007, e seus títulos

Mês	Título
JANEIRO	Estado impedirá verticalização
FEVEREIRO	Mata Atlântica é devastada e vira carvão em Paraibuna São José corre para ter contrapartida
MARÇO	-----
ABRIL	Pacote ambiental de Serra cria “cinturão verde” no litoral
MAIO	Projeto transforma Parque Estadual em área turística Após 20 anos, Horto será revitalizado e reaberto
JUNHO	Vândalos destroem 8 mil mudas de árvores
JULHO	-----
AGOSTO	-----
SETEMBRO	Acordo garante verba para Horto Florestal de S. José
OUTUBRO	Estado avalia hoje projeto para Tamoios Bombeiro pede apoio contra queimada
NOVEMBRO	Encontro esclarece sobre eucalipto
DEZEMBRO	-----

Dois assuntos pautam a maioria das reportagens de profundidade no *Jornal Valeparaibano* no ano de 2007, quanto ao tema Florestas e ecossistemas de montanhas: as discussões, principalmente na esfera política, sobre a compensação ambiental da Petrobras pela ampliação da Revap em São José dos Campos, cujos recursos foram destinados ao Horto Florestal e à criação de uma Área de Proteção Ambiental (APA) no município, e o impacto ambiental de obras nos municípios do Litoral Norte e na Rodovia dos Tamoios.

A compensação da Revap pautou três reportagens abrangentes ao longo ano, que começam em fevereiro, com a intitulada “São José corre para ter contrapartida”, uma reportagem de profundidade, interpretativa, com quatro retrancas, elaborada com base em investigação sobre a destinação de recursos pela Petrobras, para efeito de compensação ambiental pela ampliação da Refinaria em São José dos Campos, à Reserva Ecológica Augusto Rushi (Horto Florestal) e à criação de uma Área de Proteção Ambiental, no Banhado, também em São José dos Campos. O assunto pautou outras duas reportagens amplas, com base em seus desdobramentos: “Após 20 anos, Horto será revitalizado e reaberto” (maio), “Acordo garante verba para Horto Florestal em São José” (setembro).

Quanto às obras envolvendo o Litoral Norte, destacam-se as reportagens que abordam o projeto de verticalização em São Sebastião, em área de encostas. São elas: “Pacote ambiental de Serra cria ‘cinturão verde’ no litoral” (para monitorar empreendimentos verticais e conter ocupação de encostas em áreas de Mata Atlântica e Serra do Mar), publicada em abril, e o impacto ambiental das obras de duplicação da Tamoios: “Estado avalia projeto para Tamoios”, que aborda os impactos das obras na Serra do Mar (publicada em outubro).

Outra reportagem ampla, contextualizada, que tem potencial para contribuir para a construção da conscientização ambiental, é publicada em maio, “Projeto transforma Parque Estadual em área turística”, que aborda projeto desenvolvido, por meio de parceria entre a Fundação Florestal e a Petrobras, para a criação de uma infraestrutura que proporcione a promoção da educação ambiental, do ecoturismo e da pesquisa científica em área do Parque Estadual da Serra do Mar, entre os municípios de Caraguatatuba e São Sebastião, no Litoral Norte Paulista.

A reportagem “Encontro esclarece sobre eucalipto”, publicada em novembro, foi elaborada com base na cobertura de evento promovido pela Universidade de Taubaté para debater o cultivo do eucalipto. A reportagem traz um breve panorama da cultura do eucalipto na região e aborda de forma superficial a grande polêmica que existe sobre o assunto.

As notícias com base em denúncias também pautaram reportagens meramente informativas, que abordam os assuntos sob o prisma da catástrofe. São elas: “Mata Atlântica é devastada e vira carvão em Paraíba”, com base em ocorrência registrada pela Polícia Ambiental, “Vândalos destroem 8 mil mudas de árvores”, em área de preservação da zona norte de São José dos Campos, e “Bombeiro pede apoio contra queimada”.

TABELA 13 – Reportagens que abordam o tema ENERGIA, entre janeiro e dezembro de 2007, e seus títulos

Mês	Título
JANEIRO	-----
FEVEREIRO	Paraibuna quer debater gasoduto
MARÇO	São José é o berço do motor a álcool
ABRIL	-----
MAIO	Lula desapropria área para base de gás
JUNHO	Litoral Norte cria comitê para discutir a Base de Gás
JULHO	-----
AGOSTO	-----
SETEMBRO	Biocombustível gera negócios no Vale
OUTUBRO	Base de gás recebe licença em Caraguá
NOVEMBRO	-----
DEZEMBRO	-----

As questões que envolvem a energia são abordadas em seis reportagens em 2007, sendo quatro factuais, pautadas pelas discussões da implantação de uma base de gás, da Petrobras, em Caraguatatuba, no Litoral Norte Paulista, e,

consequentemente, a estrutura de sua operação, como a instalação de um gasoduto em diversos municípios do Vale.

As reportagens “Paraibuna quer debater gasoduto” (fevereiro), “Lula desapropria área para base de gás” (maio), “Litoral Norte cria comitê para discutir a base de gás” (junho), “Base de gás recebe licença em Caraguá” (outubro) são elaboradas com foco nos desdobramentos das notícias sobre a implantação da Base de Gás e se atêm mais às discussões políticas e econômicas que envolvem a questão, não apresentando os reais problemas ambientais que serão gerados pela base de gás ou pelo gasoduto, não trazem comparações ou histórico que possa auxiliar o leitor na compreensão do assunto.

Pautada por estudos científicos, a reportagem “São José é o berço do motor a álcool”, publicada em março, é uma reportagem investigativa, de profundidade, que aborda a trajetória da descoberta do álcool combustível por pesquisadores do CTA/ITA como alternativa aos combustíveis fósseis, com abordagem mais específica no desenvolvimento tecnológico e não Meio Ambiente.

No mês de setembro, a reportagem “Biocombustível gera negócios no Vale” trata da construção da primeira usina de biocombustível do Vale do Paraíba. A reportagem tem enfoque econômico e é superficial quanto à exploração do assunto.

TABELA 14 - – Reportagens que abordam o tema SOLO, entre janeiro e dezembro de 2007, e seus títulos

Mês	Título
JANEIRO	-----
FEVEREIRO	Peixoto lança plano “anti-paralelepípedo”
MARÇO	-----
ABRIL	-----
MAIO	-----
JUNHO	Expansão urbana limita áreas e cultivo
JULHO	-----
AGOSTO	-----
SETEMBRO	Atropelado pela Câmara, Cury veta mudanças no zoneamento
OUTUBRO	-----
NOVEMBRO	Morador da Gurilândia teme desmoronamento de encostas
DEZEMBRO	-----

Apenas quatro reportagens publicadas em 2007 no *Jornal Valeparaibano* abordam a questão do solo, sendo três com base em notícias e seus desdobramentos. “Peixoto lança plano ‘anti-paralelepípedo’”, publicada em fevereiro, aborda o projeto da Prefeitura de Taubaté de pavimentação das ruas do município, que, segundo um

vereador, oferece riscos às reservas hídricas do município. A reportagem não traz informações sobre esses riscos ou qualquer subsídio científico para esclarecer o leitor quanto à denúncia.

Publicada em junho, a reportagem “Expansão urbana limita áreas de cultivo” tem cunho investigativo e aborda a degradação em áreas de cultivo agrícola irrigado entre os municípios de Jacareí e Cachoeira Paulista, provocada, principalmente, pela ocupação imobiliária desordenada e pela extração de areia. A reportagem é contextualizada e traz elementos comparativos para facilitar o entendimento do leitor.

As outras duas reportagens sobre o tema Solo: “Atropelado pela Câmara, Cury veta mudanças no zoneamento” (setembro) aborda a expansão imobiliária em área de entorno de aterro em São José dos Campos e “Morador da Gurilândia teme desmoronamento de encostas” (novembro), que enfoca a contenção de encosta em bairro de Taubaté, foram elaboradas com base em notícias e seus desdobramentos, abordando, sem detalhes, contextualizações ou comparações, os problemas ambientais relativos ao solo.

Vale ressaltar que são muitos os problemas que envolvem o solo nos municípios da região de cobertura do *Jornal Valeparaibano*, que sofrem com a ocorrência de erosão acentuada e deslizamentos de encostas (ARGUELLO e SAUSEN, 2007).

TABELA 15 - Reportagens que abordam o tema BIOTECNOLOGIA, entre janeiro e dezembro de 2007, e seus títulos

Mês	Título
JANEIRO	-----
FEVEREIRO	-----
MARÇO	-----
ABRIL	-----
MAIO	-----
JUNHO	Pinda consolida referência em medicina fitoterápica no Vale São José adere ao larvicida biológico
JULHO	-----
AGOSTO	-----
SETEMBRO	-----
OUTUBRO	-----
NOVEMBRO	-----
DEZEMBRO	-----

Apenas duas reportagens, publicadas em junho, abordam a questão da biotecnologia em todo o exercício de 2007 no *Jornal Valeparaibano*: “Pinda consolida referência em medicina fitoterápica no Vale”, sobre bioprodutos com fins

terapêuticos que são empregados na rede municipal de saúde, e a factual “São José adere ao larvicida biológico”, com base em projeto de erradicação de larvas de pernilongos com a utilização de larvicida ecológico, produtos desenvolvido à base de bactérias para atuar no combate às pragas.

A hipótese do pequeno interesse do *Jornal Valeparaibano* pela exploração do tema Biotecnologia é a de que em sua região de cobertura jornalística é restrita a produção científica nessa área. Portanto, a falta de informações sobre esse assunto limita a inclusão de pautas.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa exerce importante papel para contribuir na construção da conscientização ambiental da sociedade, pois, para uma grande parcela da população, os jornais são a única fonte de informação sobre os problemas ambientais que ocorrem no mundo, no país ou até mesmo no bairro onde residem. Essa responsabilidade com a democratização de informações torna-se ainda maior em se tratando da imprensa regional, que tem o compromisso estreitado pela geografia de sua área de cobertura, pela proximidade da relação estabelecida entre os fatos, a notícia e a comunidade.

Isso porque a imprensa tem a missão (ou o poder) de selecionar os fatos que lhe parecem ou não relevantes, os que serão pauta e que se transformarão em notícia, e de determinar a forma como esses fatos chegarão à sociedade. Nesse processo de produção das instituições jornalísticas, o meio ambiente é mais um assunto, entre milhares, que chegam às redações diariamente como sugestões de pautas, colocadas por agências, repórteres, informantes, órgãos governamentais ou da sociedade civil organizada.

A trajetória empreendida na análise de conteúdo deste estudo de caso do *Jornal Valeparaibano* sugere algumas conclusões que, por sua vez, remetem a muitas reflexões sobre a imprensa regional frente aos problemas ambientais da sua região de abrangência.

Os resultados da análise quantitativa dos dados desta pesquisa mostram que o *Jornal Valeparaibano* inclui as principais questões ambientais regionais em sua pauta diária. O jornal publicou um total de 359 textos sobre meio ambiente no ano de 2007, o que corresponde, em média, a um texto diário, considerando que não há circulação às segundas-feiras. Esse volume mostra que o Meio Ambiente é priorizado na seleção dos fatos que serão pauta no dia a dia do jornal.

A análise quantitativa também revela que a pauta ambiental das reportagens do jornal em 2007 foi norteadas pelos principais problemas ambientais de sua região de abrangência – principalmente os que envolvem a ameaça à flora e à fauna dos ecossistemas locais, a degradação da bacia do Paraíba do Sul, cujas águas abastecem a maioria dos municípios do Vale do Paraíba, a ausência de tratamento de esgoto, os

sérios problemas dos aterros sanitários e da questão da destinação incorreta e irregular do lixo – assuntos que pautaram, muitas vezes com ênfase e repetidamente, as reportagens do jornal no ano de 2007.

Ao relatar para a sociedade esses problemas ambientais, que envolvem direta ou indiretamente toda a sociedade regional, o *Jornal Valeparaibano* cumpre seu compromisso com a democratização das informações. Embora alguns estudiosos da Comunicação, como Beltrão e Quirino (1986), defendam que ao Jornalismo cabe informar e comentar o fato noticiado, não tendo a função de educar, o viés que conduziu as análises dos textos desta pesquisa foi o conceito do pesquisador e jornalista ambiental Wilson Bueno (2007), que defende que a democratização das informações sobre Meio Ambiente não é o suficiente para desencadear um processo de conscientização para a produção de mudanças necessárias, pois não é o volume de pautas ambientais que possibilitará o estímulo para que a população desenvolva um pensamento crítico.

Sob esse ângulo, a análise qualitativa dos dados mostra que 72% das reportagens foram pautadas por factuais, principalmente pela denúncia de transtornos enfrentados pela população em razão da degradação ambiental ou pelas discussões, em âmbitos políticos e econômicos, geradas pelos impasses de grandes obras na região e seu impacto ambiental. Ou seja, as pautas dessas reportagens foram norteadas por fatos que já eclodiram na sociedade, gerando consequências, e não pela intenção da redação em promover a investigação sobre as questões ambientais regionais relevantes para a sociedade e trazer à tona discussões para ações preventivas, para ações de conservação e de preservação.

A tabulação dos dados mostra que a maioria das reportagens foi pautada pelas polêmicas, nas esferas política e econômica, do impacto ambiental de grandes obras na região, como a implementação de um gasoduto da Petrobras no Litoral Norte e em municípios do Vale do Paraíba; a construção da Via Norte, marginal na região central de São José dos Campos, situada em área de preservação ambiental, e a duplicação da Rodovia dos Tamoios, rodovia que liga o Vale do Paraíba ao Litoral Norte Paulista. As reportagens, porém, não mostram quais são efetivamente os potenciais danos dessas obras ao Meio Ambiente e suas consequências para o ecossistema e para a sociedade.

Destarte, são textos que, numa análise de conjunto, não apresentam subsídios importantes, como a contextualização dos fatos e a sua cronologia, a comparação e a relação intrínseca que há entre os problemas e da associação desses com outras áreas, como saúde, política, educação, economia, cultura e desenvolvimento regional, que podem auxiliar a sociedade no entendimento amplo dos assuntos bem como instigar a reflexão sobre a sua participação direta e indireta nas causas e nas consequências dos problemas ambientais.

Talvez essa tenha sido a razão pela qual o jornal não incluiu, em sua pauta de reportagens de 2007, importantes questões regionais, como a do tráfico de animais da Mata Atlântica, a das erosões, provocadas pelo crescimento desordenado, e a da relação direta que há entre a produção de lixo, que aumenta em grandes proporções a cada dia, e os hábitos de consumo da sociedade, que seguem as tendências do exagero, do supérfluo e do desperdício, e que são, por sua vez, influenciados pelos meios de comunicação.

Já as reportagens norteadas pela intenção de prevenir e investigar, as pautadas pelo apelo de mostrar o trabalho de educação ambiental realizado por organizações não governamentais ou pelas administrações municipais e, principalmente, as que foram elaboradas com base em pesquisas científicas na área ambiental, desenvolvidas pelos centros e institutos de pesquisa e universidades, um total de 28%, apresentaram, de certa forma, as informações de forma ampla, contextualizada, trazendo o histórico dos fatos e as comparações, fatores que possibilitam, em linhas gerais, um entendimento mais aprofundado da relação direta que existe entre a degradação ambiental, os hábitos de consumo e a qualidade de vida, e têm maior potencial para promover as reflexões, as discussões e a inferência, e, conseqüentemente, auxiliar na construção da consciência ambiental.

Essas análises remetem a algumas reflexões sobre as possibilidades de a imprensa contribuir, de forma mais efetiva, na construção da conscientização ambiental da população da região de abrangência de cobertura do *Jornal Valeparaibano*. Uma delas, que foi a hipótese que instigou este estudo de caso, é a de que se houver uma seção fixa no jornal para o Meio Ambiente, a necessidade do preenchimento desse espaço editorial poderá exigir um tratamento diferenciado às pautas ambientais e demandar pela investigação da realidade regional e pelo

acompanhamento de seus principais problemas ambientais. A criação dessa demanda poderá gerar, como consequência, a elaboração de reportagens mais aprofundadas sobre os problemas ambientais da região e, também, de certa forma, a especialização dos jornalistas responsáveis por essa seção. Isso porque a dinâmica do processo de produção jornalística dos jornais, caracterizada pela necessidade de rapidez e agilidade em todas as suas fases, geralmente impossibilita ao jornalista se dedicar ao entendimento amplo de uma área específica. Isso só ocorre, geralmente, nos casos em que há seções fixas.

Outra conclusão desta pesquisa refere-se à outra ponta da produção jornalística: a da importância das fontes no processo de definição das pautas. Vale, portanto, refletir sobre a necessidade de haver maior interesse dos organismos sociais da região em divulgar, na imprensa regional, seus programas e projetos em prol da conservação e da proteção ambiental e dos pesquisadores da área na divulgação de seus estudos científicos.

Vale refletir sobre a possibilidade de que, com a somatória dessas duas ações, a imprensa regional possa contribuir de forma mais eficaz na disseminação de informações ambientais que instiguem a conscientização e para que a sociedade reflita sobre a importância de seu papel na relação causa e efeito.

Este trabalho também remete à reflexão quanto à importância da conscientização ambiental dos profissionais da imprensa que, a partir do compromisso social da profissão, poderiam incluir as informações sobre meio ambiente em suas pautas diárias, independentemente das editoriais, dentro do conceito de transdisciplinaridade que permeia o Meio Ambiente. Vale ressaltar que também seria ideal a instituição de uma disciplina específica de Meio Ambiente nos cursos de pós-graduação em Jornalismo, o que contribuiria para a formação ambiental dos jornalistas. Assim, esses profissionais já entrariam no mercado de trabalho com habilidades para tratar o assunto de forma apropriada.

REFERÊNCIAS DE LITERATURA

AGUELLO, F. V. P.; SAUSEN, T. M. Geografia. In: FERREIRA, P.C. (org.). **A Biologia e a Geografia do Vale do Paraíba**: trecho paulista. São José dos Campos, SP: IEPA, p 9-34, 2007.

ASSIS, F. Jornalismo cultural em contextos regionais: entre o mito e a realidade. **Estudos de Jornalismo & Relações Públicas**, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP: Metodista, 2008.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1960

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS FILHO, C. **Ética na comunicação**: da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 2001.

BELMONTE, R. V. Menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: VILLAS BOAS, S. (org.). **Formação & informação ambiental**. São Paulo: Summus, 2004.

BELTRÃO, L.; QUIRINO, N. O. **Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

BUCCI, E. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BORN, R.H. Agenda 21 Brasileira: instrumentos e desafios para a sustentabilidade, In: CAMARGO, A.; CAPOBIANO, J.P.R.; OLIVEIRA J.A.P. (org.). **Meio Ambiente Brasil – avanços e obstáculos pós Rio-92**. São Paulo: Estação Liberdade/Instituto socioambiental, 2002.

BUENO, W. C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara, 2007.

CALAZANS, F. **Ecologia e Midiologia**. São Paulo: Plêiade, 2002.

CANEPPELE, D., Peixes. In: FERREIRA, P. C. (org.). **A Biologia e a Geografia do Vale do Paraíba**: trecho paulista. São José dos Campos, SP: IEPA, 91-104, 2007.

CARDOSO, D. **A objetividade jornalística é (im)possível**. Tubarão, SC: Unisul, 2003 – dissertação de mestrado do curso de mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

COSTA, L. M. P. **Vozes dissonantes na imprensa do interior**: a produção e a recepção do Jornal “A Voz do Vale do Paraíba”. São Bernardo do Campo: Umesp, 2002 – dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

DINIZ, A. **Comunicação da Ciência**: Análise e Gestão. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

DIAS, G.F.D. **Educação Ambiental Princípios e Práticas**. São Paulo: Gaia, 2000.

EPSTEIN, I. **Divulgação Científica**: 96 verbetes. São Paulo: Pontes, 2002.

FERNANDES, F. A. M. O papel da mídia na defesa do meio ambiente. **Ciências Humanas**: Revista da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, vol.7, n.2, 2º sem. 2001.

FERREIRA, P. C.; FISCH, S. T. V.; TOLEDO, M. C. B. Vegetação. In: FERREIRA, P.C. (org.). **A Biologia e a Geografia do Vale do Paraíba**: trecho paulista. São José dos Campos, SP: IEPA, p 35-64, 2007.

FIGUEIREDO, R. S. A interface com a Educação Ambiental. In: BRUM, E.; FARIAS, R. (org.). **A mídia do Pantanal**. Campos Grande: UNIDERP, 2001, p. 195-208.

FONSECA, A. A. Água de uma fonte só: a magnitude do problema em uma experiência concreta. In: VILLAS BOAS, S. (org.). **Formação & informação ambiental**. São Paulo: Summus, 2004.

FRANCESCHINI, F., **Revista Comunicação**. Rio de Janeiro: Comum, v.9, n22, p.144-155, janeiro-junho, 2004

GERAQUE, E. Perceber a biodiversidade: jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) elos perdidos. In: VILLAS BOAS, S. (org.). **Formação & informação ambiental**. São Paulo: Summus, 2004.

GODOY, M. S.; ZIMMERMANN, R. I.; ZIMMERMANN, R. A. Mamíferos. In: FERREIRA, P.C. (org.). **A Biologia e a Geografia do Vale do Paraíba**: trecho paulista. São José dos Campos, SP: IEPA, p 157-176, 2007.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental**: a conexão necessária. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

HENN, R.C. Pauta e notícia: uma abordagem semiótica. Canoas, RS: Ulbra, 1996.
KARAM, F.J. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus editorial, 2004.

KIPPENDORFF, K. **Metodologia de análise de conteúdo**. Barcelona: Paidós, 1990.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

LENCIONI NETO, F. Aves. In: FERREIRA, P.C. (org.). **A Biologia e a Geografia do Vale do Paraíba**: trecho paulista. São José dos Campos, SP: IEPA, p 137-156, 2007.

MARSHALL, S. Criando comunidades vigorosas centradas no aprendizado para o século XXI. In: **O mundo da Usinagem**. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

MARQUES DE MELO, J. **Estudos de jornalismo comparado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972

_____. **Comunicação, opinião e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. A opinião no jornalismo brasileiro. 2ª. Edição. **Revista Petrópolis**, RJ: Vozes, 1994.

MARTINS, I. A.; GOMES, F.B.R. Anfíbios. In: FERREIRA, P.C. (org.). **A Biologia e a Geografia do Vale do Paraíba**: trecho paulista. São José dos Campos, SP: IEPA, p 105-120, 2007.

MATHEUS, C.E. **Educação ambiental para o turismo sustentável** – vivências integradas e outras estratégias metodológicas. São Carlos: Rima, 2005.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 3ª. Edição. São Paulo: Summus, 1988.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MONOSOWSKI, E. Políticas Ambientais e Desenvolvimento no Brasil. **Cadernos FUNDAP**. São Paulo, Fundação do Desenvolvimento Administrativo, ano 9, nº 16, 1998, p. 33-45, p. 15-24.

MORAN, J. M. **Leitura dos Meios de Comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.

MOTTA, L. G. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: PORTO, S.D. (org.). **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.

NASSAR, Katy. **A notícia mora ao lado**: a imprensa regional urbana em São Paulo. São Bernardo do Campo: Umesp, 1996

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

PÁDUA, J. A. **Natureza e Projeto Nacional**: as origens da Ecologia Política no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1984.

PEREIRA, J. A. C. De São José dos Campos para o Vale: a consolidação do Jornal ValeParaibano como porta-voz da cultura do Vale do Paraíba. **Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo**. São Bernardo do Campo, SP: Metodista, 2004.

PIMENTEL, M. E. **Evolução do Jornal Valeparaibano**: Um estudo de caso sobre a reforma gráfica e editorial do jornal ocorrida no período entre os anos de 1994 e 1998. São Paulo: Metodista, 2000.

PUGLISI, M. L.; FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. 2ª ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

RAMOS, L.F.A. **Meio Ambiente e Meios de Comunicação**. São Paulo: Annablume, 1995.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 1996.

SCHARF, R. Verde como dinheiro: economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo. In: VILLAS BOAS, S. (org.). **Formação & informação ambiental**. São Paulo: Summus, 2004.

SERRÃO, M. A. Interdisciplinaridade: o desafio da pesquisa ambiental. **Ciência Hoje**, São Paulo, vol. 22, n. 128, p 24-27, 1997.

SILVA, R. B., Construindo a memória da mídia regional. In: ASSIS, F.; CARNIELLO, M. F. (org.). **Comunicação, história e literatura**: propostas interdisciplinares. Rio de Janeiro: Oficina de Livros, 2008.

SIQUEIRA, J. C. **Ética e Meio Ambiente**. São Paulo: Loyola, 1998.

SIRKIS, A. **Ecologia urbana e poder local**. Rio de Janeiro: Fundação Onda Azul, 1997.

SODRÉ, M.; FERRARI M. H., **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, C. M.; FERREIRA, J. R.; BORTOLIERO, S. **Jornalismo Científico e Educação para as Ciências**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

SOUSA, C. M.; MARQUES N. P.; SILVEIRA, T. S. **Ciência, Tecnologia e Sociedade**: a Comunicação Pública da Ciência. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

SOUSA, C. M.; FERNANDES, F. A. M. Mídia e Meio Ambiente: limites e possibilidades. **Ciências Humanas**: Revista da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, vol.8, n.2, 2º sem. 2002.

SOUZA Q. R.; OHDE, J. C. Comunicação e Meio Ambiente: uma abordagem de temas ambientais na Internet. **Revista de Estudos da Comunicação**. Curitiba, PR: Editora Champagnal, vol.6, n.12, p.35-53, 2005.

TAUTZ, C. Oxigênio para a energia. In: VILLAS BOAS, S. (org.). **Formação & informação ambiental**. São Paulo: Summus, 2004.

VIEIRA, C. L. A Responsabilidade de Divulgar Ciência. **Ciência Hoje**. São Paulo, 1992.

_____. **Pequeno Manual de Divulgação Científica**: dicas para cientistas e divulgadores de Ciência. São Paulo: CCS/USP, 1998.

VILLAR, R. Jornal Ambiental – evolução e perspectivas. **Jornal do Meio Ambiente**. Disponível em <http://www.jornaldomeioambiente.com.br> [acessado em 12 set. 2007]

WOLF, M. **Teoria da Comunicação**. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995.